

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

CLÁUDIA RODRIGUEZ DOMINGUEZ

**O SABER NA TELA: APROPRIAÇÃO DE GÊNEROS
E FORMATOS TELEVISIVOS EM VIDEOAULAS PARA EAD**

**SÃO CAETANO DO SUL
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA

D709s

Dominguez, Cláudia Rodriguez

O saber na tela: apropriação de gêneros e formatos televisivos em videoaulas para EAD / Cláudia Rodriguez Dominguez. -- São Caetano do Sul: USCS / Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2014.

108 p.

Orientador: Prof. Dr. Elias E. Goulart

Dissertação (mestrado) - USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

1. Comunicação. 2. Inovação. 3. Tecnologias Digitais. 3. Televisão. 4. Educação a Distância. 5. Gêneros Televisivos. . Formatos Televisivos. I. Goulart, Elias E. II. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

CLÁUDIA RODRIGUEZ DOMINGUEZ

**O SABER NA TELA: APROPRIAÇÃO DE GÊNEROS
E FORMATOS TELEVISIVOS EM VIDEOAULAS PARA EAD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Transformações Comunicacionais e Comunidades

Orientador: Prof. Dr. Elias E. Goulart

**SÃO CAETANO DO SUL
2014**

**REITOR DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
USCS**

Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa:

Profa. Dra. Maria do Carmo Romeiro

Gestor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Prof. Dr. Herom Vargas Silva

Dissertação defendida e aprovada em 27 de fevereiro de 2014 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Adriana Barroso de Azevedo (banca externa)

Prof. Dr. Arquimedes Pessoni

Prof. Dr. Elias E. Goulart

Ao Octavio Tostes, pela nossa superação

AGRADECIMENTOS

Ao longo deste caminho de dois anos de Mestrado, pessoas especiais torceram pelo êxito deste trabalho. Em primeiro lugar, minha família. Mãe Julia, pai Eloy, irmão Eloy Filho, sobrinhas Beatriz e Juliana, muito obrigada pelo carinho e força.

Agradeço aos fiéis amigos Regiane Barros, Claudia Erthal, Lislei Carrilo, Camila Neumann, Roberta Lemos, Letícia Gil, Cida Coelho, Patrícia Godoy, Ivana Perecin, Maria do Carmo Pereira, Soraya Hanna, Maurício Pinho. Aos colegas de curso Danuza Pessoa, Viviane Mendes, Robson Gisoldi e Sérgio Martin pelo incentivo nas horas de maior dificuldade.

Ao meu orientador Prof. Dr. Elias E. Goulart por ter seguido até o final desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, pela generosidade do conhecimento transmitido.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo identificar a utilização de gêneros e formatos de programas televisivos em videoaulas para Educação a Distância (EaD) e, a partir da análise deste uso, propor modos de aplicar recursos da comunicação televisiva à produção de videoaulas com vistas a intensificar sua eficácia comunicacional. Com essa perspectiva, o trabalho inicia com uma visão geral do desenvolvimento dos gêneros e formatos televisivos baseada nos estudos de Marques de Melo, Mattos, Chambat-Houillon, Fachine e Aronchi de Souza. Segue com um resumo da história da Educação a Distância no Brasil, a partir das reflexões de Moran, Maia e Mattar, Siemens, ressaltando nesta abordagem o uso de videoaulas no processo de ensino e aprendizagem conforme as observações de Belloni e Azevedo. Efetuados os recortes das áreas de Comunicação e Educação a serem tratadas na pesquisa, o passo seguinte é a delimitação do *corpus* com a seleção de 20 videoaulas dos portais Coursera, Veduca, Khan Academy e YouTube Edu, escolhidas pelo critério de amostra intencional proposto por Fragoso, Recuero e Amaral para estudos do universo em expansão da internet. Para a análise do *corpus*, cada videoaula foi assistida na íntegra, totalizando cerca de cinco horas de material, observando-se em sua construção o uso de gêneros televisivos conforme a grade de gêneros e formatos proposta por Aronchi de Souza. As ocorrências foram registradas individualmente e tabuladas em conjunto para quantificar em percentuais sua manifestação no *corpus*. A análise evidenciou a predominância nas videoaulas do gênero televisivo educativo e de 13 formatos, com destaque para o formato instrucional, presente em 95% dos objetos verificados. A segunda maior ocorrência foi a do formato teleaula, encontrado em 55% da amostra. As menores ocorrências foram verificadas entre os formatos interativo e videoclipe (ambos com 15%) e estúdio e externa (5% cada). Finalmente, a sugestão de formatos televisivos a serem adotados na produção de videoaulas, com a perspectiva de aumentar sua eficiência comunicacional, apontou para os formatos debate, entrevista e mesa-redonda; *talk show*; esquete e dramatização, além de *game* e *quiz show*. A pesquisa pode contribuir para professores de EaD e produtores de conteúdo destinados a esta forma de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Comunicação, Inovação, Tecnologias Digitais, Televisão, Educação a Distância.

ABSTRACT

This research aims to identify the usage of TV programs genres and formats in video classes for Distance Learning (DL) and, by analyzing this use, to propose ways to implement televisual communication resources into video classes production in order to enhance their communicational effectiveness. From this perspective, the work starts with an overview of the development of televisual genres and formats based on the studies of Marques de Melo, Mattos, Chambat-Houillon, Fachine and Aronchi de Souza. It follows a summary of the history of DL in Brazil, referred to Moran, Maia and Mattar, Siemens, emphasizing in this approach the use of video classes in the teaching and learning process according to the observations of Belloni and Azevedo. Once defined the areas of Communication and Education to be addressed, the next step is the definition of the *corpus* by selecting 20 video classes from Coursera, Veduca, Khan Academy and YouTube Edu portals, chosen by purposeful sampling criteria proposed by Fragoso, Recuero and Amaral for studies in the expanding universe of internet. For the *corpus* analysis, each video class was watched in full, totaling about five hours of material, and observed in its construction the use of televisual genres as the grid of genres and formats formulated by Aronchi de Souza. The events were individually recorded and tabulated together to quantify its manifestation in the *corpus*. The analysis revealed the predominance of educational televisual genre in the video classes and also of 13 formats within these genres, especially the instructional format, present in 95% of scanned objects. The second major event was the video classes format, found in 55 % of the samples. Minor occurrences were found between the interactive and video clip formats (both with 15%) and studio and outdoor recording (5% each). Finally, the suggestion of televisual formats to be adopted in the video classes production, with the prospect of increasing its communicational efficiency, pointed to debate, interview and roundtable; talk show, sketch and drama, as well as game and quiz show formats. This research can contribute to DL teachers and content producers who aim these teaching and learning forms.

Keywords: Communication, Innovation, Digital Technology, Television, Distance Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Programa Cassino do Chacrinha	28
Figura 02 – Programa Cozinha da Ofélia	29
Figura 03 – Programa Passa ou Repassa	30
Figura 04 – Programa Você Decide	31
Figura 05 – Programa Show do Milhão	32
Figura 06 – Programa do Jô.....	33
Figura 07 – Programa Super Pop.....	34
Figura 08 – Programa Silvia Poppovic.....	35
Figura 09 – Programa Roda Viva.....	36
Figura 10 – Programa Jornal da Record	37
Figura 11 – Programa Vestibulando.....	39
Figura 12 – Página inicial do portal Coursera	59
Figura 13 – Página inicial do portal Khan Academy.....	60
Figura 14 – Página inicial do portal Veduca	60
Figura 15 – Página inicial do YouTube Edu	61
Figura 16 – Página do portal Veduca	64
Figura 17 – Página da Khan Academy em português	65
Figura 18 – Página do <i>ranking</i> das plataformas e seus parceiros	67
Figura 19 – Página das instituições parceiras do Coursera	67
Figura 20 – Página das universidades parceiras do YouTube Edu	69
Figura 21 – Trecho da videoaula 1	71
Figura 22 – Trecho da videoaula 2	72
Figura 23 – Trecho da videoaula 3	73
Figura 24 – Trecho da videoaula 4	74
Figura 25 – Trecho da videoaula 5	75
Figura 26 – Trecho da videoaula 6	77
Figura 27 – Trecho da videoaula 7	78
Figura 28 – Trecho da videoaula 8	79
Figura 29 – Trecho da videoaula 9	80
Figura 30 – Trecho da videoaula 10	81
Figura 31 – Trecho da videoaula 11	82
Figura 32 – Trecho da videoaula 12	83

Figura 33 – Trecho da videoaula 13	84
Figura 34 – Trecho da videoaula 14	85
Figura 35 – Trecho da abertura da videoaula 15	86
Figura 36 – Trecho da videoaula 15	87
Figura 37 – Trecho da videoaula 16	88
Figura 38 – Trecho 1 da videoaula 17	89
Figura 39 – Trecho 2 da videoaula 17	90
Figura 40 – Trecho da videoaula 18	91
Figura 41 – Trecho da videoaula 19	92
Figura 42 – Trecho da videoaula 20	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Categorias e gêneros dos programas na TV brasileira	26
Quadro 02 – Formatos dos programas na televisão brasileira.....	26
Quadro 03 – <i>Corpus</i> da pesquisa.....	62
Quadro 04 – Plataformas e videoaulas selecionadas para o <i>corpus</i>	70
Quadro 05 – Dados da videoaula 01.....	72
Quadro 06 – Dados da videoaula 02.....	73
Quadro 07 – Dados da videoaula 03.....	74
Quadro 08 – Dados da videoaula 04.....	75
Quadro 09 – Dados da videoaula 05.....	76
Quadro 10 - Tabulação de gêneros e formatos televisivos nas videoaulas do Veduca	76
Quadro 11 – Dados da videoaula 06.....	77
Quadro 12 – Dados da videoaula 07.....	78
Quadro 13 – Dados da videoaula 08.....	79
Quadro 14 – Dados da videoaula 09.....	80
Quadro 15 – Dados da videoaula 10.....	81
Quadro 16 – Tabulação de gêneros e formatos televisivos nas videoaulas do <i>Khan Academy</i>	82
Quadro 17 – Dados da videoaula 11.....	83
Quadro 18 – Dados da videoaula 12.....	84
Quadro 19 – Dados da videoaula 13.....	85
Quadro 20 – Dados da videoaula 14.....	86
Quadro 21 – Dados da videoaula 15.....	87
Quadro 22 – Tabulação de gêneros e formatos televisivos nas videoaulas do <i>Coursera</i>	88
Quadro 23 – Dados da videoaula 16.....	89
Quadro 24 – Dados da videoaula 17.....	90
Quadro 25 – Dados da videoaula 18.....	91
Quadro 26 – Dados da videoaula 19.....	92
Quadro 27 – Dados da videoaula 20.....	93
Quadro 28 – Tabulação de gêneros e formatos televisivos encontrado nas videoaulas do YouTube Edu.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NTIC – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

EaD – Educação a Distância

LMS – *Learning Management System*

CEAD – Centro de Educação Aberta e Continuada a Distância

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 Gêneros e formatos da televisão brasileira	19
1.1 - O hibridismo dos formatos: olhares diversos	21
1.2 - Classificação dos programas televisivos brasileiros	24
1.3 - Grade de critérios para a análise da pesquisa	25
2 Educação a Distância	40
2.1 - A EaD no Brasil	42
2.2 - Conectivismo e os MOOCs	50
2.3 - A videoaula na EaD	53
3 Procedimentos metodológicos.....	58
3.1 - Método	59
3.2 - Plataforma Veduca	63
3.3 - Plataforma Khan Academy	64
3.4 - Plataforma Coursera.....	66
3.5 - Plataforma YouTube Edu.....	68
4 Análise e resultados	70
4.1 - <i>Corpus</i> de análise	70
4.1.1 - Videoaulas da plataforma Veduca.....	71
4.1.2 - Videoaulas da plataforma Khan Academy	76
4.1.3 - Videoaulas da plataforma Coursera.....	82
4.1.4 - Videoaulas da plataforma YouTube Edu	88
4.2 - Resultados	94
4.3 - Discussão de resultados.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	105

INTRODUÇÃO

A televisão no Brasil é um veículo de comunicação popular com mais de seis décadas de vida, de relevância histórica, social e educacional para o país. Desde a sua inauguração em 1950, desenvolveu-se sob administração de grupos privados que nortearam o processo de produção de seus programas a partir de padrões e formatos norte-americanos.

Na esteira do rádio, o surgimento da televisão estreou com a adaptação de alguns programas radiofônicos e iniciou o processo de experimentação de novos gêneros e formatos para a televisão.

Ao longo de seus mais de sessenta anos, a televisão construiu um *know-how* que a transforma em referência para produções audiovisuais nas mais diferentes áreas do conhecimento.

Na Educação a Distância (EaD), com o advento da internet e da educação *online*, a produção de videoaulas tem sido adotada por gestores e professores como estratégia educacional visando incrementar as diferentes formas de ensinar. Lançar mão de recursos audiovisuais com parâmetros televisivos pode facilitar o processo de produção e execução de videoaulas, considerando os formatos implementados no desenvolvimento da televisão brasileira.

Origem do estudo

O estudo teve como ponto de partida o interesse em combinar duas áreas interdisciplinares: a Comunicação e a Educação. São áreas em que, por experiência profissional em rádio e televisão e docência acadêmica, observei uma correlação entre as práticas na produção de material audiovisual, especificamente de videoaulas em EaD.

Na área da comunicação, minha experiência teve início no ano de 1997, quando ingressei como estagiária na Unesp, e em 1998, como redatora da rádio Cultura, localizada na cidade de Santos. Nesse período, cursava a graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Santos, a UniSantos.

A carreira jornalística televisiva iniciou-se no ano 2000 e, desde então, exerci diversas funções dentro de uma empresa de TV: produtora, repórter, apresentadora, diretora de programas jornalísticos, educativos e de entretenimento, chefe de reportagem e editora executiva. Atualmente, exerço a função de editora de texto do programa Domingo Espetacular, da TV Record.

Em 14 anos de atuação na área televisiva, conheci na prática referenciais audiovisuais adotados na execução de produtos televisivos. São práticas consolidadas em um veículo estabelecido desde 1950 e consagradas por décadas de experimentação.

O encontro com a área acadêmica aconteceu em 2006. A atividade docente teve origem nos cursos de Rádio e TV e Comunicação Empresarial, da Universidade Bandeirante de São Paulo, hoje pertencente ao Grupo Anhanguera Educacional. De lá para cá, lecionei nos cursos de Produção Audiovisual e de Jornalismo da mesma instituição. Atualmente, exerço a docência no Senac-SP para cursos de Qualificação Técnica de Apresentação de Programas de Televisão, na unidade Lapa Scipião, localizada na zona oeste de São Paulo.

O contato com a Educação a Distância ocorreu durante a pós-graduação *latu sensu* em “Docência do Ensino Superior”, no ano de 2007. O interesse surgiu durante um debate sobre a migração do professor de sala de aula tradicional para o professor de EaD, mais especificamente, do professor que utilizaria videoaulas como objeto de aprendizagem (OA).

Behar *et al.* (2009, p. 65) conceitua os objetos de aprendizagem como “qualquer material digital, como, por exemplo, textos, animações, vídeos, imagens, aplicações, páginas *web* de forma isolada ou em combinação, com fins educacionais”.

A partir desse momento, observei que esses novos professores necessitariam de formação, capacitação e treinamento para atuar nesse novo modelo de sala de aula. Como professores didaticamente experientes se comportariam em um espaço físico menor do que o da sala de aula, sem interação e *feedback* de alunos? De que forma tornar a aula atraente dentro de um ambiente audiovisual adverso para a maioria deles? Muitos, até hoje, ainda pensam que basta retransmitir o conteúdo da sala de aula tradicional para diante das câmeras. Isso não procede. Muitos casos de videoaulas sem vigor e desinteressantes devem-se à falta de adequação do conteúdo à comunicação audiovisual. Em se tratando de videoaulas em EaD, o conteúdo pedagógico pode e deve ser adaptado às características da mídia televisiva. Com os recursos de edição, computação gráfica e de designer educacional, uma videoaula tende a ser um OA eficiente com possibilidade de grande alcance e interesse dos alunos.

Justificativa do estudo

Dentre as diferentes estratégias utilizadas pelas instituições de EaD, as videoaulas são ferramentas educacionais que utilizam recursos e linguagem audiovisual para complementar as diferentes formas de ensinar. As videoaulas não se propõem a corresponder às aulas

presenciais. Luna, Luna e Rodrigues¹ explicam que o gênero videoaula possui características que se assemelham e se diferenciam da aula presencial. A principal semelhança está relacionada a sua funcionalidade: construir conhecimento. Dentre as principais diferenças, destacam-se sua natureza assíncrona, ou seja, não é uma interação em tempo real. Os alunos podem acessar a videoaula a qualquer hora em qualquer lugar.

Dessa forma, a mídia televisiva – na condição de meio audiovisual consagrado, com linguagem estabelecida, testada e comprovada – pode oferecer subsídio para orientação, produção e execução de videoaulas em EaD, modalidade ainda pouco explorada diante da potencialidade do veículo.

Moran² reforça a ideia de um padrão comum entre os telespectadores brasileiros.

A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos – levam para sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despreziosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais abstrato, complexo e na contramão da maioria, como a escola se propõe a fazer. (MORAN, 2007, p. 162)

Considerando as videoaulas (aulas gravadas, arquivadas no site do curso e acessadas a qualquer momento) um dos objetos de aprendizagem em EaD, existe uma relação entre a produção desse conteúdo educacional para o meio audiovisual e a produção de formatos de programas veiculados na mídia televisiva.

O paralelo se situa na similaridade do ambiente em que são produzidas as videoaulas, nos recursos possíveis com aquele da produção televisiva. Ambas ocorrem, geralmente, em estúdios ou salas equipadas. Tanto na EaD quanto na Televisão, são utilizados recursos audiovisuais idênticos: estúdio, câmeras, *teleprompter* (equipamento que reproduz textos), microfones, cenário, iluminação etc.

Problematização

As videoaulas são aulas gravadas e distribuídas em forma de vídeo e servem como recurso didático para ilustrar, reforçar e complementar um conteúdo educacional. Têm sido utilizadas em Educação a Distância (EaD) como parte do processo ensino-aprendizagem.

¹ Disponível em <<http://www.revistaautonomia.com.br/volumes/Ano4-Volume1/linguistica/LINGELUNA.pdf>>. Acesso em 18/01/2014.

² Trecho extraído do texto “As Mídias na Educação”. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacao/midias_educ.pdf>. Acesso em 18/01/2014.

Do outro lado, a televisão brasileira lança em sua programação, na década de 1980, o gênero educativo com o projeto Telecurso, da TV Globo. Ao longo desses anos de existência da televisão, um grande número de gêneros e formatos são experimentados e estabelecidos na grade de programação da televisão brasileira.

Esses formatos foram apropriados e adaptados pelas diversas iniciativas de uso de vídeo na educação, que se expandiram consideravelmente com o crescimento da internet.

Considerando a semelhança entre os ambientes físicos, recursos tecnológicos e audiovisuais da televisão e os da videoaulas gravadas em estúdios, o presente projeto pretende buscar respostas para a seguinte pergunta: os gêneros e formatos da televisão brasileira podem ser reconhecidos em videoaulas da Educação a Distância?

Objetivos

O trabalho tem por objetivo geral identificar e analisar os gêneros e formatos televisivos na produção de videoaulas para EaD.

Como objetivos específicos, a pesquisa pretende:

- 1- verificar se há nas videoaulas predominância de gêneros conhecidos da televisão brasileira;
- 2- identificar possíveis formatos usados na produção de videoaulas que sejam reconhecidamente de origem televisiva;
- 3- observar qual formato televisivo predomina nas videoaulas;
- 4- sugerir recursos de formatos televisivos para produção em EaD.

Delimitação do estudo e *corpus*

Para responder a todos os objetivos propostos, esta pesquisa de nível exploratório adotou como procedimento metodológico, os seguintes passos:

- 1- Revisão bibliográfica;
- 2- Pesquisa exploratória de caráter qualitativo dos portais Coursera, Veduca, Khan Academy e YouTube Edu. A pesquisa nos portais foi feita para delimitar o estudo. Foram selecionadas, no total, 20 videoaulas, sendo 5 de cada um dos 4 portais descritos;
- 3- Amostra intencional escolhida por conveniência (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011);

- 4- Análise de conteúdo com base na tabela de classificação dos programas da televisão (ARONCHI DE SOUZA, 2004)

Vinculação à Linha de Pesquisa

O trabalho está vinculado à Linha de Pesquisa “Transformações Comunicacionais e Comunidades”, cujo eixo temático está inserido nas “temáticas que entrelacem a Comunicação com as Tecnologias Digitais e/ou com a Educação”. A pesquisa também trará uma abordagem da comunicação audiovisual aplicada à EaD. E, ainda, aspectos de inovação ao relacionar as áreas de Comunicação e Educação na transdisciplinaridade de gêneros e formatos televisivos para videoaulas em EaD.

Organização do trabalho

O caminho percorrido para se chegar aos objetivos propostos foi distribuído em quatro capítulos, resumidos a seguir.

O primeiro capítulo traz uma visão geral do desenvolvimento dos gêneros e formatos dos programas da televisão brasileira considerando os hibridismos discutidos por autores como Marques de Melo (2010), Mattos (2000), Chambat-Houillon (2007), Fachine (2001). Traz também uma tabela de classificação desses programas, segundo critérios adotados por Aronchi de Souza (2004).

O segundo capítulo traz um resumo da história da Educação a Distância no Brasil e discute o uso de videoaulas em EaD como instrumento no processo de ensino-aprendizagem. Uma exposição sobre o conectivismo – a teoria de aprendizagem para a era digital – exposta por Siemens (2004) também é encontrada nesse capítulo. E ainda uma abordagem sobre MOOCs – Cursos Online Abertos e Massivos – que têm como objetivo oferecer a um grande número de alunos a possibilidade de ampliar seus conhecimentos em um processo de coprodução.

No terceiro capítulo, são expostos os procedimentos metodológicos da pesquisa. Foram selecionados 20 vídeos oferecidos em 4 plataformas distintas. Por ser a *web* um universo particularmente difícil de recortar em função de sua escala, heterogeneidade e dinamismo, optou-se por uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo para que fossem analisadas as principais características e particularidades de cada um desses objetos.

Trabalhou-se nesta pesquisa com um tipo de amostra intencional, ou seja, amostras de videoaulas de diferentes fontes tendo a abrangência como escopo.

No quarto capítulo, são expostas a análise das 20 videoaulas selecionadas para o *corpus*. É neste momento que os objetivos propostos para a pesquisa são respondidos e os resultados apontados.

1 Gêneros e formatos na televisão brasileira

A programação da televisão brasileira incorporou, em sua trajetória, diversas experiências advindas, inicialmente, do rádio e depois do hibridismo de formatos televisivos internacionais, notadamente norte-americanos, sucessivamente adaptados à realidade do público nacional.

Quando o jornalista, político e empresário Assis Chateaubriand inaugurou a TV Tupi, em 18 de setembro de 1950, com improvisação e precariedade de equipamentos, a televisão se resumia a um público habituado com o rádio, à época, o veículo de comunicação mais popular do país.

A televisão de Chateaubriand era para uma audiência privilegiada. Para criar a primeira emissora brasileira, ele importou 30 toneladas de equipamentos da americana RCA Victor, por cinco milhões de dólares. Cruz (2008) relata que foram instaladas duas antenas transmissoras: uma no alto do então Banco do Estado de São Paulo, no centro de São Paulo, e outra no edifício da emissora, no bairro do Sumaré.

A um mês do lançamento, a equipe da Tupi se deu conta de que não havia aparelhos de televisão no Brasil e Chateaubriand providenciou a entrada, de avião, via contrabando, de 200 televisores. Trazê-los legalmente levaria pelo menos dois meses. [...] Chateaubriand, que havia começado a pensar em trazer a TV para o Brasil ainda na década de 1940, instalou 22 aparelhos em lojas, bares e no saguão dos Diários Associados, para que as pessoas acompanhassem a inauguração. (CRUZ, 2008, p. 39)

Depois dos Estados Unidos, Inglaterra e França, o Brasil foi o quarto país a ter uma emissora de televisão a ir ao ar diariamente. No ano seguinte, Chateaubriand inaugura a TV Tupi do Rio de Janeiro. No fim daquele ano, São Paulo e Rio já somavam sete mil aparelhos.

Briggs (2006) observa que depois que o mercado doméstico [americano] de televisão parecia ter alcançado seu ponto de saturação, os poderosos interesses da televisão norte-americana começaram a olhar para o exterior.

Marques de Melo (2010) destaca os princípios que nortearam o início da televisão no país.

O desenvolvimento da radiodifusão teve, aqui, desde o início, uma aura educativa, justificando o paternalismo estatal. Os introdutores do rádio em nosso país se inspiraram no modelo europeu, pretendendo que a inovadora mídia eletrônica servisse de suporte às atividades culturais. [...] Mas a sua estrutura operacional fundamenta-se no modelo norte-americano, que converte a empresa privada em protagonista central do sistema de radiodifusão. Só juridicamente o Estado tem a propriedade dos canais. Sua posse é transferida a empresas comerciais ou a organizações civis, que os exploram segundo as leis do mercado, evidentemente observando princípios

genéricos de preservação do interesse público. (MARQUES DE MELO, 2010, p. 29)

Diferentemente da televisão norte-americana que se desenvolveu apoiando-se na forte indústria cinematográfica, a brasileira nasceu sob influência do rádio e incorporou, além do mesmo formato, artistas e técnicos. De acordo com Mattos³,

nos dois primeiros anos de sua implantação, a televisão não passou de um brinquedo de luxo das elites do país. [...] Isto se justifica pelo fato de, nos primeiros anos, um televisor custar três vezes mais do que a mais sofisticada radiola do mercado e um pouco menos que um carro. (MATTOS, 1990)

As concessões de rádio e depois de televisão foram possíveis a partir de critérios políticos, em que empresas já atuantes no setor de comunicações fossem beneficiadas. Redução de impostos, facilitação de empréstimos bancários a longo prazo, além de investimento em infraestrutura de telecomunicações impulsionaram o negócio.

Assim sendo, o modelo brasileiro de televisão se caracteriza por uma interconexão entre o Estado paternalista e os grupos econômicos presentes no negócio da mídia. Estes, por sua vez, correspondem às demandas de uma indústria de bens de consumo em expansão, como consequência do processo de substituição de importações desencadeado no período entreguerras. (MARQUES DE MELO, 2010, p. 29)

Nos primeiros anos, a programação da televisão brasileira incluía programa de variedades, teleteatros e o noticiário “Imagens do Dia”. Toda a programação era exibida ao vivo entre 17h e 22h com longos intervalos para a troca de cenário e aparelhagem.

Com uma audiência ainda inexpressiva, a televisão não conseguia atrair anunciantes. Porém, as experientes agências de publicidade estrangeiras instaladas no país começaram a utilizar a televisão brasileira como veículo publicitário, passando a decidir, também, o conteúdo de seus programas.

Nos primeiros anos os patrocinadores determinavam os programas que deveriam ser produzidos e veiculados, além de contratar diretamente os artistas e produtores. A novelista Glória Magadan, assim como o Boni (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho), da Rede Globo, por exemplo, eram contratados da Colgate-Palmolive, através da agência Lintas. O patrocinador decidia sobre tudo e à emissora restava a tarefa de ceder estúdios e equipamentos e pôr o programa no ar. (PRIOLLI, 1985, *apud* MATTOS)

Por esse motivo, as duas primeiras décadas da televisão brasileira apresentaram programas identificados pelos nomes dos patrocinadores. Em 1952, e por vários anos subsequentes, os telejornais tinham denominações como: “Telenotícias Panair”, “Repórter

³ Disponível em <http://www.sergiomattos.com.br/liv_perfil03.html>. Acesso em 09/02/2014.

Esso”, “Telejornal Bendix”, “Reportagem Ducal” ou “Telejornal Pirelli”. Os demais programas também tinham nome do patrocinador como “Gincana Kibon”, “Sabatina Maisena” e “Teatrinho Trol”.

Predominava uma televisão de elite, cuja programação era composta por filmes, desenhos animados e shows de variedades, importados dos EUA, além de produções nacionais do tipo entrevistas, noticiários, esportes, teleteatro, musicais, shows de auditório, e o novo filão das telenovelas. A produção nacional ganha força com a difusão da tecnologia do videoteipe, eliminando as dificuldades da gravação ao vivo e favorecendo a disseminação de programas gerados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, sedes das empresas matrizes das redes em processo de formação. (MARQUES DE MELO, 2010, p. 30)

Mattos (2000) explica que a indústria televisiva brasileira transformou-se ao longo de sua história, passando da situação de total dependência para a autossuficiência em produção e, desde meados da década de 1970, vem aumentando a exportação de programas para um número maior de países.

O Brasil foi, em um tempo, o maior importador latino-americano de programas americanos, mas esse quadro foi revertido e a influência e a quantidade de programas estrangeiros no horário nobre da televisão foram praticamente zeradas, uma vez que foram substituídos por produção local, que passou também a ser exportada, gerando uma nova situação: a interdependência. (MATTOS, 2000, p. 12)

A esse quadro, Marques de Melo acrescenta:

Outro fator que determina a nacionalização da produção televisiva é, sem dúvida, o incremento de novos contingentes populacionais à audiência, que cresce cinco vezes num período de dez anos. Essa incorporação das camadas populares ao consumo dos produtos culturais gerados pela TV obriga os empresários do ramo a estabelecerem sintonias com as preferências das massas. Inicia-se, portanto, uma fase populista, marcada pelo resgate de padrões estéticos peculiares ao humorismo do circo, ao melodrama das radionovelas e aos ritos das manifestações folclóricas. Pouco a pouco a televisão preenche o vazio deixado pela atividade política, banida do cenário nacional pelo regime militar. (MARQUES DE MELO, 2010, p. 31)

1.1 - O hibridismo dos formatos: olhares diversos

Quem zapeia hoje pelos canais de TV aberta se depara com uma quantidade de programas televisivos resultantes da fusão de formatos experimentados desde a inauguração da TV na década de 1950.

Na descrição que se segue, é importante considerar que os programas de televisão são classificados em uma taxonomia própria que inclui categoria, gênero e formato. Categorias

são as grandes áreas; gênero, uma especificação dentro da categoria; e, finalmente, formato, a forma, os recursos expressivos utilizados na concepção, produção e exibição dos programas.

Chambat-Houillon (org. DUARTE; CASTRO, 2007, p. 141-143) explica que embora se tenha um conhecimento mais ou menos intuitivo do que deve ser um formato televisual, “a tentativa de defini-lo revela não somente a complexidade do termo, como, sobretudo, a pluralidade das lógicas que o compõem”. A noção de formato não é específica do mundo da produção televisual. Ela atravessa outros campos de aplicação, como o da informática e da computação.

A especialista em televisão destaca que “essa noção de em-formar é uma ideia bastante simples, que supõe pensar o formato como a origem de um processo de engendramento de emissões em que a conformidade é o desafio”. O formato é o instrumento ideal da padronização e da normatização dessas atividades, além de ser um instrumento econômico para melhorar a comercialização de produtos específicos – os programas de televisão –, em mercados locais e internacionais. Resta interrogar quais lógicas definem o formato como padrão de produção.

Pela sua natureza ideal, o conceito de emissão (programa) distingue-se precisamente do de formato, que consiste na colocação em forma televisual da emissão. O formato é então o regime de representação audiovisual do conceito da emissão. Ele permite fixar o inteligível sob um regime de visibilidade. Dito de outra forma, o formato é uma interface, o que leva do inteligível ao audiovisível. (CHAMBAT-HOUILLLON, *in* DUARTE; CASTRO, 2007, p. 143)

A pesquisadora salienta que “de um lado, o formato é, sobretudo, um instrumento profissional essencialmente da ordem da produção; de outro, a emissão é, antes de tudo, uma unidade espectral, isto é, o que o público vê”. (2007, p. 148)

Chambat-Houillon exemplifica que um mesmo formato pode operar às vezes como modelo, às vezes como matriz, como atestam as múltiplas versões internacionais do Big Brother.

Fechine (2001) discute a noção de gêneros sob o aspecto de unidade estética e cultural.

No âmbito das mídias, que é o que aqui nos interessa, compreender os gêneros nessa dupla dimensão é reconhecê-los, antes de mais nada, como estratégias de comunicabilidade. Como entidades instauradas no próprio processo de comunicação, os gêneros podem ser entendidos como articulações discursivas que resultam tanto dos modos particulares de colocar em relação certos temas e certas maneiras de exprimi-los, quanto de uma dinâmica envolvendo certos hábitos produtivos (determinados modos de produzir o texto) e certos hábitos receptivos (determinado sistema de expectativa do público). (FECHINE, 2001, p. 16)

Assim, a apropriação e o reconhecimento de um determinado gênero discursivo é, antes de mais nada, o resultado de uma cultura de gêneros, já que envolve uma relação social de reconhecimento.

Gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um modo de organizar ideias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras. Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e organizadas na evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores. (BAKHTIN, 2003, p. 43)

Pensar gêneros e formatos televisivos como movimento e trânsito entre formas, seja na repetição seja na combinação de determinados modos organizativos, segundo Fachine (2001, p. 18), nos leva à ideia da evolução de formas, transformando gêneros primários em secundários, caracterizando o hibridismo.

Temer e Tondato (2009, p. 18) ressaltam que estudiosos da comunicação não devem perder de vista que entender a televisão – e, sobretudo, entender a questão dos gêneros televisivos –, exige a compreensão da televisão como aparato tecnológico. A diversificação da programação e a própria evolução dos gêneros televisivos está intimamente relacionada com a evolução das tecnologias, dos recursos de produção e da operacionalização técnica desses recursos.

Aronchi de Souza (2004) explica que desde sua invenção até hoje, a televisão é sinônimo de tecnologia, por mais que se reconheça a popularidade do veículo. O estudo do gênero dos programas exige a compreensão do desenvolvimento da televisão sob vários aspectos, inclusive, o tecnológico.

A televisão acelerou o desenvolvimento tecnológico da indústria de equipamentos de transmissão de sinais e de dados – novos materiais condutores, como a fibra ótica; microssistemas de captação, como o micro-ondas; microfones sem fio; satélites; imagem digital; e meios de comunicação virtual. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 30)

Ainda que estejam ao mesmo tempo separados e interligados, mas, sobretudo, disciplinados a partir de classificações nas quais são considerados aspectos como público-alvo e horário mais adequado, os gêneros televisivos podem ser definidos como “modos culturalmente estabelecidos e reconhecíveis de comunicação, funcionando no interior de determinados grupos sociais ou comunidades linguísticas”. (WOLF *apud* TEMER; TONDATO, 2009, p. 19)

Reimão (1997, p. 13) classifica gênero como “um encontro marcado em que ambas as partes pré-declaram suas intenções da construção de um horizonte de expectativas”. Observa-se, a partir disso, a intencionalidade através dos gêneros. Dessa forma, “o gênero atua como um elemento mediador que define elementos desde o momento da produção, definindo o produto e interferindo no processo de recepção e, portanto, permeando todo o processo comunicativo”.

1.2 - Classificação dos programas televisivos brasileiros

A programação da televisão brasileira, tradicionalmente, é classificada a partir das categorias Informação, Entretenimento e Educação. Marques de Melo (2010), ao analisar os 60 anos da implantação e desenvolvimento da televisão, faz um retrato da grade de programação brasileira.

A composição da programação varia de emissora a emissora. Mas ela é basicamente integrada por cinco categorias: novelas, noticiários, filmes, shows, entretenimento infantil. A distribuição se faz em quatro faixas horárias, sendo o *horário nobre* compreendido entre 19 e 22 horas. As outras faixas são matutina (6 às 12 horas), vespertina (12 às 18 horas) e noturna (22 às 5 horas). Quase sempre a última faixa se interrompe à meia-noite ou à 1 da madrugada, nos dias da semana. (MARQUES DE MELO, 2010, p. 37)

A divisão dos programas em categorias inicia o processo de identificação do produto, seguindo o conceito industrial adotado pelo mercado de produção. Segundo Aronchi de Souza (2004), a categoria abrange vários gêneros e é capaz de classificar um número bastante diversificado de elementos que se constituem, na concepção de Martín-Barbero, no elo que une o espaço da produção, os anseios dos produtores culturais e os desejos do público receptor. (BORELLI, 1994, p. 37)

O manual de produção de programas da British Broadcasting Corporation (BBC), da Grã-Bretanha, considerada uma das televisões de melhor qualidade do mundo, traz os objetivos que norteiam a produção dos programas televisivos. Eles devem, acima de tudo, entreter e informar, o que talvez explique os motivos da categorização que levam à padronização.

O entretenimento é necessário para toda e qualquer ideia de produção, sem exceções. Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência. Entreter não significa somente vamos sorrir e cantar. Pode ser interessar, surpreender, divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertando sua vontade de assistir. Isso é entretenimento. Programas com o propósito de informar são necessários em qualquer produção, exceto naquela dirigida inteiramente para o entretenimento (balés, humorísticos, videocliques etc.). Informar significa possibilitar que a pessoa, no final da exibição, saiba

um pouco mais do que sabia no começo do programa a respeito de determinado assunto. (WATTS, 1990, p. 20)

A inter-relação de categorias pode estar no processo de classificação dos programas, como sugere Singhal, Rogers, Brown (1993).

Nos últimos anos, em alguns países as emissoras perceberam que a televisão educativa e a de entretenimento não são necessariamente incompatíveis. Cada vez mais, os formatos de entretenimento, tais como seriados, clipes de música e programas de jogos, estão sendo utilizados para transmitir à audiência mensagens educativas. (SINGHAL; ROGERS; BROWN, 1993, p. 151)

Aronchi de Souza (2004, p. 44) relata que os gêneros podem ser entendidos como estratégias de comunicabilidade, fatos culturais e modelos dinâmicos, articulados com as dimensões históricas de seu espaço de produção e apropriação, na visão de Martín-Barbero. Congregam em uma mesma matriz cultural referenciais comuns tanto a emissores e produtores como ao público receptor.

A classificação da categoria e gêneros em televisão vem sempre acompanhada de um conceito no mercado de produção, o formato. Ao se falar em gênero, associa-se diretamente um formato.

Brasil e Estados Unidos transmitem formatos similares (ex. Roletando, no SBT, assemelha-se ao Wheel of Fortune, dos Estados Unidos), conforme expõe Aronchi de Souza (2004, p. 46). Ambos os formatos são apresentados com a mesma orientação: um convidado famoso contra outro, ambos formulam perguntas e pedem ao adversário para fazer algo (ex. Sexolândia, no SBT, e Family Feud, dos Estados Unidos).

Contudo, o pesquisador torna claro que o formato é a nomenclatura própria do meio para identificar a forma e o tipo de produção de um gênero de programa de televisão. Formato está sempre associado a um gênero, assim como gênero está diretamente ligado a uma categoria. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 46)

1.3 - Grade de critérios para a análise da pesquisa

A análise das videoaulas constituídas para o *corpus* da pesquisa terá como critério a tabela de classificação das categorias, gêneros e formatos dos programas da televisão brasileira estabelecida por Aronchi de Souza (2004).

O autor definiu a classificação dos programas da televisão brasileira em cinco categorias: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros, além dos gêneros e formatos como mostram os quadros a seguir.

Quadro 01 – Categorias e gêneros dos programas na TV brasileira

CATEGORIA	GÊNERO
ENTRETENIMENTO	Auditório – Colunismo Social – Culinário – Desenho animado – Docudrama – Esportivo – Filme – <i>Game show</i> (competição) – Humorístico – Infantil – Interativo – Musical – Novela – Quiz Show (perguntas e respostas) – Reality show – Revista – Série – Série brasileira – <i>Sitcom</i> (comédia de situações) – <i>Talk show</i> – Teledramaturgia (ficção) – Variedades – Western (faroeste)
INFORMAÇÃO	Debate – Documentário – Entrevista – Telejornal
EDUCAÇÃO	Educativo – Instrutivo
PUBLICIDADE	Chamada – Filme comercial – Político – Sorteio - Telecompra
OUTROS	Especial – Eventos – Religioso

Fonte: Quadro desenvolvido por Aronchi de Souza (2004, p. 92)

Quadro 02 – Formatos dos programas na televisão brasileira

FORMATO	AO VIVO	GRAVADO	ESTÚDIO	EXTERNA
Auditório	X	X	X	X
Câmera oculta (pegadinha)	X	X	X	X
Capítulo		X		X
Debate	X	X	X	X
Depoimento	X	X	X	X
Documentário		X		X
Dublado		X	X	
Entrevista	X	X	X	X
Episódio		X	X	X
Esquete		X	X	X
Game show	X	X	X	X
Instrucional		X	X	X
Interativo	X			
Legendado		X	X	

Mesa-redonda	X	X	X	X
Musical	X	X	X	X
Narração em <i>off</i>	X	X	X	X
Noticiário	X	X	X	
Quadros		X	X	X
Reportagem	X	X		
Revista	X	X	X	
Seriado		X	X	X
<i>Talk show</i>	X	X	X	X
Teleaula	X	X	X	
Telejornal	X	X	X	
Teletexto		X	X	
Testemunhal	X	X	X	X
Videoclipe		X	X	X
Vinheta		X	X	
<i>Voice-over</i>	X	X	X	

Fonte: Quadro desenvolvido por Aronchi de Souza (2004, p. 169)

Abaixo, um resumo das características dos principais gêneros e formatos encontrados na televisão brasileira, segundo Aronchi de Souza (2004) e Temer e Tondato (2009).

Gênero Auditório

Os programas de auditório foram os primeiros da televisão brasileira a serem reconhecidos pela popularidade e pelo sucesso. Transpostas do rádio para a TV, algumas produções tiveram apenas o acréscimo da imagem. Os programas do Chacrinha, Hebe Camargo, Flávio Cavalcanti, Silvio Santos e Fausto Silva (os dois últimos no ar até hoje) são algumas das produções mais marcantes da história do gênero auditório.

Sobre a apresentadora Hebe Camargo, Temer e Tondato (2009) ressaltam que a artista chegou a apresentar cinco programas diferentes por semana na década de 1950.

(...) ainda que com flutuações na audiência, atravessou várias décadas e sobreviveu às mudanças de emissoras – foi líder de audiência em São Paulo durante três anos, após uma estreia milionária na Record em 1966 – sempre mantendo o mesmo estilo. (TEMER E TONDATO, 2009, p. 61-62).

Figura 01 – Programa Cassino do Chacrinha



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=Nu1kqYLvlb8>)

São os programas do gênero auditório que mais aproximam o telespectador da realidade da produção em televisão já que permitem a entrada do público nos estúdios ou nos locais preparados para a gravação. Neles, o público é frequentemente convidado a participar do programa.

Os programas de auditório prendem a atenção do público e do telespectador pela variedade de atrações apresentadas num só programa, aproximando-se da mesma linguagem utilizada pelo circo. O público do gênero auditório também comparece para mostrar alegria, animação, interesse, podendo cantar, dançar, dar opinião, sempre instigado pela figura do apresentador, que centraliza a atenção e conduz o programa. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 94)

Aronchi de Souza (2004, p. 96) explica que o formato do programa de auditório determina o espaço cenográfico necessário para essa produção: palco e plateia, que permitem a interação do apresentador com o público presente na gravação. É comum o público participar de jogos e brincadeiras na plateia ou no espaço destinado ao apresentador.

Além de quadros musicais, jogos e atrações, o gênero auditório comporta ainda vários outros formatos, como pequenas reportagens, debates, videoclipes e encenações que dão ritmo à produção. Daí a melhor denominação de programas de variedades, dada pelas próprias emissoras.

Formato Auditório

O formato auditório pode ser encontrado em produções de outros gêneros televisivos, conforme explica Aronchi de Souza (2004).

Muitos programas não são do gênero auditório, mas usam o formato auditório para aquecer a produção. Diferentemente dos programas do gênero auditório, os programas com esse formato fazem do público uma parte da gravação, mas não essencial. Por isso, não se planejam os posicionamentos de câmeras e a área de circulação do apresentador para deixar o público em evidência. O formato auditório aparece somente em segundo plano e, às vezes, nem existe público: o áudio – palmas, risos, reações – podem ser reforçados e adicionados na edição, caso o programa seja gravado. Alguns humorísticos dão a ideia de que existe um auditório apenas com sonoplastia de risos e palmas. O gênero musical também lança mão do formato auditório com o objetivo de transmitir um clima de show na produção. (ARONCHI DE SOUZA, p. 179)

Gênero Culinário

Os programas do gênero culinário aparecem na programação com o *status* de mais um programa da grade ou são inseridos em algum programa de outro gênero – variedades ou auditório – como atração. “É um exemplo de gênero multifuncional, que tanto informa como entretém”. Programas desse gênero colocam

o apresentador em primeiro plano. Exemplo clássico é o programa pioneiro “Cozinha da Ofélia”, demonstrando sua habilidade em fazer alguma receita diante da câmera. [...] Atualmente, quadros de culinária são apresentados por homens. Silvio Lancelotti marcou seu programa do gênero com vários formatos: entrevistas, demonstrações “ao vivo” salpicadas com *talk show* dão um tempero especial ao gênero culinário. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 101)

Figura 02 – Programa Cozinha da Ofélia



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=wHVvgZvlBKE>)

Gênero *Game show* (competição)

Da categoria entretenimento, o gênero *game show* possui dois elementos para alcançar resultado: promover interesse e, se possível, manter o telespectador atento. “Nesses quesitos, o gênero *game show*, batizado nos Estados Unidos e conhecido no mundo inteiro por esse nome, domina a tela e o público”. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 110)

De acordo com Aronchi de Souza (2004), nos Estados Unidos, os *game shows* costumam durar trinta minutos e são transmitidos de segunda a sexta-feira. Lá, há programas que transmitem aos sábados *game shows* educativos para os jovens. A fórmula do sucesso é desenvolver a mecânica dos jogos, verificar como funcionam com os participantes e qual a reação da audiência, o *timing*, com regras de fácil compreensão. Importar a fórmula acaba por ser mais vantajoso em alguns casos porque a emissora evita manter um laboratório de formatos e arcar com os custos das experiências.

Uma diferença entre os *game shows* apresentados nos dois países é a interatividade com o telespectador. Enquanto aqui alguns *game shows* são essencialmente para serem vistos passivamente, nos EUA os jogos incentivam a audiência a participar e a jogar durante o programa e os telespectadores são estimulados a interagir durante a transmissão. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 110)

Figura 03 – Programa Passa ou Repassa



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=72NM0b8yvrA>)

Formato *Game show*

O *game show* também pode ser considerado um formato. Programas de auditório, de variedades, musicais e até culinários podem ser utilizados. “A competição ajuda a estimular a alegria e descontração da audiência. Jogos e brincadeiras fazem o telespectador participar em casa ou o incentivam a interagir com o programa”. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 172)

Gênero Interativo

De enredo dramático, o programa *Você Decide*, da TV Globo, marcou a história do gênero interativo na televisão brasileira. O telespectador era convidado a interagir ao final da história.

Nesse programa eram apresentadas histórias com dramas morais, cuja decisão era deixada nas mãos do telespectador, que fazia sua opção por telefone, vencendo a escolha com maior número de telefonemas. Essa fórmula fez sucesso, com uma média de 35 pontos no Ibope, e foi exportado para 35 países. (ARONCHI *apud* TONDATO; CARRARA, 1997, p. 117)

Figura 04 – Programa *Você Decide*



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=0Gx9B5X1q-4>)

Programas de gênero interativo podem se valer de entrevistas para instigar o público a dar palpite sobre o final do episódio. A fórmula interativa já foi usada em novela. Segundo Aronchi de Souza (2004, p. 118) na novela “Primeiro Amor”, da TV Record, o público podia

mandar perguntas por telefone ou e-mail e a personagem da novela, uma locutora de rádio, respondia aos espectadores com conselhos sentimentais.

Formato Interativo

O formato interativo é comumente encontrado em programas do gênero *reality shows* para dar ao telespectador a possibilidade de decidir sobre algumas fases do programa. Nos *game shows* a audiência também pode interagir e participar por telefone ou internet.

Gênero *Quiz Show*

O Show do Milhão, do SBT, é um programa do gênero *quiz show* que tem em sua fórmula uma mistura de programa e jogo em que o participante ou as equipes devem acertar o maior número de respostas para ganhar um prêmio, muitas vezes com grandes quantias em dinheiro. O apresentador e dono do SBT, Silvio Santos, explica, sem mistérios, a fórmula do programa.

No meu programa, há uma parte com perguntas e respostas. Se em dez perguntas o telespectador não conseguir responder pelo menos seis, ele vira o botão, vai ver outra coisa; diz que o programa está ruim. Mas, se ele responde as dez, fica bem com a mulher, com os filhos, com ele mesmo e fica satisfeito comigo, com o programa. Dá audiência, sabe? (ARONCHI *apud* TILBURG, 1984, p. 124)

Figura 05 – Programa Show do Milhão



Fonte: *Print screen* canal Youtube (https://www.youtube.com/watch?v=xRtaM3u_8zY)

Na maioria dos programas de gênero *quiz show*, utiliza-se o formato auditório. É o apresentador quem media o jogo, mantém as regras e controla a duração do programa.

Gênero *Talk Show*

Os programas do gênero *talk show*, na visão de Aronchi de Souza, precisam ter dois ingredientes: casualidade e espontaneidade e combinar qualidades de outros gêneros dramáticos como a intimidade emocional e uma dose de bom humor. Para aumentar o clima de descontração, o formato auditório é frequentemente utilizado somado aos formatos musicais e de shows.

Infelizmente, embora o formato permita variações, a cópia tem sido o elemento mais encontrado nos programas brasileiros. O programa do Jô Soares traz o mesmo tipo de cenário do programa americano *Late Show*, apresentado por David Letterman nos Estados Unidos – tem até uma caneca. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 138)

Temer e Tondato (2009) explicam que no Brasil a fórmula faz uso de um apresentador, normalmente alguém que se destaque na mídia.

A dinâmica do programa é concentrada na palavra, no diálogo entre apresentador/entrevistador e o convidado. Porém, com mais frequência, é o monólogo do apresentador que marca o programa, que, nas sequências da entrevista, interrompe o entrevistado com observações quase sempre irrelevantes, mudando o rumo da conversa, transformando aquele que deveria ser o sujeito-foco do programa, em assunto-objeto. (TEMER E TONDATO, 2009, p. 91)

Figura 06 – Programa do Jô



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=7HYBsQBrYO8>)

Formato *Talk show*

O formato *talk show* também aparece como opção em vários outros gêneros como variedades e auditório. O apresentador se encarrega de dar leveza e descontração ao programa.

Gênero Variedades

Com uma nova nomenclatura, os programas de variedades são os programas de auditório pós-modernos na TV. Neles tem aparecido “todo tipo de atração e formato, nos moldes de um programa do gênero revista, porém recorrendo a alguns elementos, como o auditório e o improviso, para sustentar horas da grade”. (ARONCHI DE SOUZA, p. 138)

Entre os programas de variedades conhecidos do público brasileiro estão Super Pop, João Kléber e Márcia Goldschmidt. O auditório com apresentador ao vivo é o formato mais usado. Mas o gênero variedades permite variações que vão dos musicais à teledramaturgia, com participação do público no estúdio e de convidados. O formato interativo, entrevista e reportagem também reforçam as atrações. Musicais, quadros humorísticos associados a *game shows* também aquecem a produção. Variedades é um gênero com formato vale-tudo, finaliza Aronchi de Souza (p. 141).

Figura 07 – Programa Super Pop



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=pJkAiFF62hU>)

A seguir, a definição dos gêneros da categoria Informação.

Gênero Debate

Sem alto custo de produção, os programas do gênero debate podem preencher um espaço da grade horária com duração flexível. Conforme aponta Aronchi de Souza,

a característica principal do gênero é o número de entrevistados e entrevistadores. Podem aparecer no vídeo mais de um entrevistado e convidados. É o número de pessoas que cria o debate, diferentemente da entrevista, que pode ser produzida com apenas um apresentador e um entrevistado. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 143-144)

A maioria dos programas de debate é conduzida por um apresentador único. Por vezes há outros entrevistadores ou comentaristas, que fazem aumentar a diversidade de opiniões a respeito de um tema. Dentre os programas de debates que fizeram sucesso na televisão brasileira, está o programa *Silvia Poppovic*, exibido pela TV Bandeirantes na década de 1990.

A atração desenvolvia “uma fórmula de sucesso, reunindo apresentadora experiente, alguns debatedores fixos (psicólogos, médicos, artistas) e convidados com currículos variados, além de conter o auditório como pano de fundo, para eventuais intervenções”. (p. 144)

Com a mediação do apresentador, o programa debate pode ainda acrescentar reportagens que ilustram o tema, ou ainda entrevistas com um convidado especial, que debate com o público ou convidados.

Figura 08 – Programa *Silvia Poppovic*



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=9vYr6g1JU70>)

Formato Debate

Visando polemizar alguns assuntos, programas de outros gêneros, como o variedades, recorrem ao formato debate, que pressupõe discussão sobre um tema entre vários participantes, convidados e público. O gênero esportivo também utiliza esse formato.

Gênero Entrevista

O gênero entrevista compõe a categoria informação assim como o gênero debate. Ele está ligado ao departamento de jornalismo das emissoras. A proposta é que um entrevistado fique frente a frente com o apresentador entrevistador. O programa Roda Viva, da TV Cultura, de 1986 e um dos mais antigos ainda em exibição, é um exemplo de programa de entrevista. Aronchi de Souza explica a diferença entre o gênero *talk show* e o entrevista. Diferentemente do *talk show*,

o apresentador de entrevista não tem o compromisso de deixar o entrevistado à vontade, podendo questioná-lo sobre fatos polêmicos e chegar até a discórdia, o que denota seriedade e compromisso com a verdade, atribuições dos programas jornalísticos. Segundo Marques de Melo, a “entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade”. As entrevistas podem ter por assunto principal tanto a vida do próprio entrevistado quanto uma ou mais informações de domínio dele. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 148)

Figura 09 – Programa Roda Viva



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=GTPFyx7p4yE>)

Formato Entrevista

Aronchi de Souza (p. 172) explica a frequência desse formato. “De variedades a humorísticos, passando pela teledramaturgia, quase todos os programas utilizam a entrevista para reforçar assuntos enfocados pelo programa”. O uso do formato entrevista é uma particularidade do gênero telejornal, detalhado a seguir.

Gênero Telejornal

Gênero conhecido da categoria informação, o telejornal apresenta características próprias, como apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes.

A conquista de importância na grade horária da programação fez as redes de televisão investirem no telejornalismo tanto quanto em outros gêneros. As grades podem deixar de apresentar um ou outro gênero, mas o telejornalismo ocupa espaço e visibilidade fundamentais para o conceito de rede de televisão. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 151)

O formato pioneiro no gênero telejornal foi o noticiário, com o apresentador lendo textos para a câmera, sem imagens nem ilustrações. Até hoje, um ou mais apresentadores leem textos e apresentam reportagens externas realizadas pelos jornalistas, ao vivo ou gravadas.

Figura 10 – Programa Jornal da Record



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=IgzrFdbVbas>)

Formato Telejornal

O gênero se transforma em formato quando um apresentador chama reportagens ao vivo ou pré-gravadas e editadas a até faz entrevistas em estúdio. Conforme Aronchi de Souza, todas as categorias se utilizam desse formato, inclusive a publicidade.

E para encerrar este capítulo, seguem os gêneros da categoria Educação.

Gêneros Educativo e Instrutivo

Os gêneros Educativo e Instrutivo são classificados por Aronchi de Souza (2004) como pertencentes à categoria Educação. O autor explica que na “análise do caráter dos programas do gênero educativo, encontraram-se aulas com linguagem televisiva (Vestibulando, da TV Cultura) e programas produzidos para a audiência em geral, como os telecursos e infantis”.

No Brasil, a maioria das produções desse gênero concentra-se nas emissoras educativas. Em uma ou duas emissoras comerciais, há programas como os de telecurso (Globo), em horário classificado pelas próprias redes como pouco lucrativo. Por isso, aproveitam o horário matutino para transmitir tais programas financiados pela iniciativa privada e pelo governo, os quais auxiliam o sistema de ensino regular e capacitam mão de obra em determinadas profissões. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 153-154)

Os programas do gênero educativo são produzidos de acordo com a faixa etária. Como exemplo, observam-se os programas infantis que podem ensinar e reforçar conceitos do ensino regular. O formato teleaula pode ter por cenário apenas uma sala de aula comum ou, em produções mais criativas, um ambiente com telão e inserção de gráficos no vídeo. O gênero humorístico também faz uso do formato teleaula para satirizar com esquetes o ambiente de uma sala de aula convencional.

Identifiquei o formato instrucional com linguagem e objetivo claramente educacional que instruiu para uma atividade ou profissão, e outros ainda, que podem levar o telespectador a aumentar seus conhecimentos sobre determinado assunto, sem a pretensão ou o compromisso de obter qualificação em exames ou provas, compreendendo um objetivo mais nobre de entretenimento educativo. Como exemplo, temos o formato de teleaulas ou videoaula – a gravação de uma aula convencional, ministrada por um professor ou especialista no assunto. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 154)

Figura 11 – Programa Vestibulando



Fonte: *Print screen* canal Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=SHRqmrGzT0I>)

2 Educação a Distância

O desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) tem impulsionado a oferta e procura por cursos na modalidade a distância em todo o Brasil. Entre 2001 e 2011, o país passou de pouco mais de 5 mil estudantes matriculados em cursos a distância para um contingente superior a 992.927 alunos em cursos de graduação nessa modalidade de ensino⁴. A democratização desses espaços educativos tem se expandido ainda para cursos livres *online*, de extensão, ensino médio, além da educação corporativa.

Com a grande demanda educacional existente no Brasil, o modo presencial não tem como suprir essa lacuna em curto prazo e, por esta razão, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) tem se empenhado na aprovação e certificação dos cursos de graduação a distância.

Há registros históricos que colocam o Brasil entre os principais no mundo no desenvolvimento da EAD, especialmente até os anos 70. A partir dessa época outras nações avançaram, e o Brasil estagnou, apresentando uma queda no *ranking* internacional. Somente no final do milênio é que as ações positivas voltaram a acontecer e pudemos observar novo crescimento, gerando nova fase de prosperidade e desenvolvimento. (ALVES, *in* LITTO; FORMIGA; 2009, p. 9)

Dados do Censo EAD Br 2012⁵ mostram um total de 5.772.466 matrículas, sendo 5,8% nas disciplinas de EAD dos cursos presenciais autorizados (336.223), 19,8% dos cursos autorizados (1.141.260) e 74,4% dos cursos livres (4.294.982). Em 2012, em relação a 2011, houve um aumento de 52,5% das matrículas na modalidade EAD.

O cenário atual da Educação a Distância (EaD) tem levantado inúmeras discussões acerca do modelo mais adequado para esta modalidade de ensino. O modo de educar, a participação interativa entre alunos e professores e o uso da tecnologia a favor do processo pedagógico são pontos ainda obscuros que merecem pesquisa e debates entre gestores, docentes e discentes. As possibilidades de modificações nos processos de planejamento, produção e organização do trabalho docente são desafios constantes.

A educação é e sempre foi um processo complexo que utiliza a mediação de algum tipo de meio de comunicação, como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal e direta com os estudantes. A sala de aula pode ser considerada uma “tecnologia”, da mesma forma que o quadro-negro, o giz, o livro e outros materiais são ferramentas (“tecnologias”) pedagógicas que realizam a mediação entre o conhecimento e o aprendente. (BELLONI, 2012, p. 58)

⁴ INEP/MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Censo de Educação Superior 2011.

⁵ Censo EAD BR. Disponível em <http://www.abed.org.br/censoead/censoEAD.BR_2012_pt.pdf>. Acesso em 18/01/2014.

O trabalho docente exige esforço e superação pessoal para encontrar uma formação que seja, além de nova, diferenciada para esse novo modelo de educação em processo de construção de novos paradigmas educacionais.

Moran⁶ ressalta que as formas autoritárias de educar não resolvem a urgência do novo modelo de educação. E aponta a comunicação como um caminho a ser trilhado para a solução para este que é um dos principais entraves da Educação a Distância.

[...] A questão não é tecnológica, mas comunicacional. A tecnologia entra como um apoio, mas o essencial é estabelecer relações de parceria na aprendizagem. Aprende-se muito mais em uma relação baseada na confiança, em que alunos e professores possam se expressar. Criar e gerenciar esses ambientes é muito mais importante do que definir tecnologias. [...] Preocupa-me muito a dificuldade que temos em estabelecer relações participativas porque todos nós carregamos estruturas tremendamente autoritárias, sendo submissos ou dominadores, e reproduzimos isso na escola. A cultura da imposição, do controle, é talvez a barreira mais difícil de derrubar no processo pedagógico. (informação verbal)⁷.

Variadas formas de interação vêm sendo testadas nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) encontrados na Educação a Distância. Na EaD, a interação com o professor é indireta e mediada por uma combinação de suportes técnicos de comunicação. Atividades síncronas (pessoas ligadas em tempo real), como chats e videoconferências, e assíncronas (comunicação que não ocorre no mesmo instante), como e-mails e fóruns, são ferramentas da EaD que tornam possível o processo educativo.

A informática surge no contexto das inúmeras inovações tecnológicas oriundas da área da computação, associadas às telecomunicações, que têm transformado as sociedades contemporâneas. Essas inovações produzem alterações profundas nas relações interpessoais em todos os níveis e aspectos, principalmente nas sociedades que delas dispõem, imprimindo um novo ritmo, quase frenético, aos relacionamentos empresariais e humanos. (GOULART; PERAZZO, 2010, p. 20)

Entende-se que a tecnologia deve ser vista como uma forte aliada na promoção de aprendizagem. Não se trata somente de ser um potencializador, mas uma ferramenta educacional para viabilizar a construção do conhecimento pelo aluno. Segundo Fiorentini (2002), a pedagogia moderna propõe que se deve estimular o aluno a buscar soluções em grupo, por meio de diálogo entre alunos e professores, e do estudo a partir de questões que

⁶ José Manuel Moran, pesquisador e professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

⁷ Entrevista de José Manuel Moran no portal <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0025.asp>>. Acesso em 09/01/2014.

impliquem o desenvolvimento de destrezas cognitivas de avaliação, análise e síntese, e não mais a memorização inerte.

A implementação das metodologias de ensino em EaD é tão necessária quanto a do ensino formal, pois a formação docente contínua é essencial para a inovação das práticas tanto na sala de aula de ensino presencial quanto na modalidade de ensino a distância.

O investimento na formação continuada é um dos elementos de uma política mais ampla de valorização do magistério. É imprescindível reconhecer e valorizar propostas de habilitação docente (formal ou não formal) com melhor qualidade, mobilizadas em função do diagnóstico da formação docente insatisfatória. (SCAVAZZA; SPRENGER, (org.) LITTO; FORMIGA, 2009, p. 263)

2.1 - A EaD no Brasil

Conhecida desde o século 19, a EaD nasceu da demanda por educação de milhares de pessoas sem condições de frequentar o ensino presencial pelos mais variados motivos. Os pontos que marcaram a história da Educação a Distância no Brasil foram embasados nos seguintes autores: BELLONI, 2012; MATTAR, 2011; ALVES, in LITTO; FORMIGA, 2009; BARRETO, in LITTO; FORMIGA, 2009; MAIA e MATTAR, 2007.

A primeira forma encontrada para atender essa demanda foi a educação por meio de cursos por correspondência. Em 1904, o *Jornal do Brasil* – que iniciou suas atividades em 1891 –, oferece em sua primeira seção de classificados anúncios de cursos de profissionalização por correspondência para datilógrafo. Esse ano é considerado por alguns autores como marco histórico da EaD com a implantação das escolas internacionais e instituições privadas que ofereciam cursos pagos por correspondência em jornais. A base era o material impresso, o que posteriormente foi complementado com recursos de áudio.

Praticamente duas décadas depois, em 1923, a Educação a Distância brasileira ganha novo espaço pelas mãos de Edgard Roquette-Pinto – o “pai do rádio brasileiro” –, com cursos de português, francês, silvicultura, literatura francesa, esperanto, radiotelegrafia e telefonia oferecidos pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A iniciativa foi ampliada e em 1934 Roquette-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal no Rio. Em 1936, a emissora foi doada ao Ministério da Educação e Saúde e, no ano seguinte, foi criado o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação.

O ano de 1939 marcou a história da EaD no Brasil com o surgimento, em São Paulo, do Instituto Radiotécnico Monitor – atual Instituto Monitor –, a primeira escola a desenvolver a educação a distância como modalidade de estudo. A iniciativa trazida pelo imigrante húngaro Nicolás Goldberger rendeu diversos cursos profissionalizantes realizados por

correspondência, inclusive com a correção das tarefas encaminhadas aos alunos para medir o aproveitamento no curso. Ao longo da história, mais de 5 milhões de alunos⁸ já se matricularam no Instituto Monitor. Atualmente, são mais de 55 mil alunos espalhados em todo o Brasil, aprendendo uma nova profissão.

O segundo instituto a oferecer cursos profissionalizantes surgiu em 1941. Um ex-sócio do Instituto Monitor fundou o Instituto Universal Brasileiro (IUB). Mais de 4 milhões de pessoas já se formaram no IUB. Atualmente, 17 categorias de cursos profissionalizantes, supletivo e técnico são disponibilizadas para os alunos. Ainda no ano de 1941, surge a primeira Universidade do Ar, que durou até 1944.

Com o objetivo de oferecer cursos comerciais radiofônicos, o Senac São Paulo – Serviço Nacional de Aprendizagem – em parceria com o Sesc – Serviço Social do Comércio – e emissoras associadas fundam a Nova Universidade do Ar, Unar, em 1947. As gravações eram realizadas em estúdios e transmitidas para 47 emissoras de rádio no Estado de São Paulo⁹. Os discos contendo as aulas seguiam para os núcleos educacionais instalados nas cidades do interior, que mantinham equipes treinadas pelos funcionários do Senac São Paulo. Nesses locais, muitos alunos recebiam instruções que os capacitavam para assumir diversas funções no setor de comércio e serviços. Cabia aos monitores cuidar do equipamento de som e orientar os estudantes na execução dos exercícios propostos no material de suporte.

A primeira experiência aconteceu com o Curso Comercial Radiofônico, que transmitia aulas de português, aritmética comercial, ciências sociais e noções de economia e comércio. Muitas das lições da Unar, entretanto, propiciavam o acesso às informações variadas de cultura geral, contribuindo para que os ouvintes recebessem uma formação mais abrangente. A experiência teve fim em 1962 após beneficiar 91 mil pessoas; até hoje, porém, o Senac atua na Educação a Distância com programações que vão desde Formação Inicial e Continuada (FIC) a cursos de pós-graduação.

A Igreja Católica, por meio da diocese de Natal, no Rio Grande do Norte, criou em 1959 escolas radiofônicas que deram origem ao Movimento de Educação de Base, o MEB, marco da EaD não formal no Brasil. O MEB, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o governo federal, utilizou inicialmente um sistema radioeducativo para a democratização do acesso à educação, promovendo o letramento de jovens e adultos. No Rio

⁸ Dados retirados do site do Instituto Monitor. Disponível em <<http://www.institutomonitor.com.br/Quem-somos.aspx>>. Acesso em 10/01/2014.

⁹ Dados retirados do portal Senac. Disponível em <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a7409.htm&testeira=453&template=&unit=ANY>>. Acesso em 10/01/2014.

Grande do Sul, em 1967, o destaque foi para a Fundação Padre Landell de Moura com a criação do seu núcleo de Educação a Distância, com metodologia de ensino por correspondência e via rádio.

Em 1970, surge o Projeto Minerva, convênio entre o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e a Fundação Padre Anchieta, cuja meta era a utilização do rádio para a educação e a inclusão social de adultos. O projeto foi mantido até o início da década de 1980.

Com a determinação pelo Código Brasileiro de Telecomunicações, de 1967, da transmissão de programas educativos pelas emissoras de radiodifusão, bem como pelas televisões educativas, foram oferecidos diversos incentivos a universidades e fundações para a instalação de canais de difusão educacional.

Data também de 1967 a criação (pela Lei nº 5.198) da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa, depois conhecida nacionalmente como TVE, e a partir de 2007 como TV Brasil. Diversos projetos surgiram nas décadas de 1960 e 1970, entre eles o Projeto Saci e o Projeto Minerva, acima citado.

Em 1978, surge uma proposta para a criação de um programa de educação supletiva a distância por meio da televisão. A ideia reuniria um grupo multidisciplinar de roteiristas, professores e pedagogos. A iniciativa da Fundação Roberto Marinho de massificar a educação se concretizou em parceria com a Fundação Padre Anchieta. E o Telecurso 2º Grau é lançado para milhares de pessoas. No final daquele ano, os resultados dos exames supletivos comprovaram que “os índices de aprovação dos alunos do Telecurso foram bem superiores aos dos alunos que seguiram métodos tradicionais, como cursinhos, preparação individual, programas de rádio”. (BARRETO, (org.) LITTO; FORMIGA, 2009, p. 451)

Em 1981, a iniciativa do Telecurso 1º Grau também proporcionou *expertise* ao desenvolvimento da proposta inicial. Hoje denominado Novo Telecurso, o programa consiste em teleaulas do Ensino Fundamental, Ensino Médio e ainda na modalidade profissionalizante. É exibido pela TV Globo e disponibilizado para TVs educativas como a TV Cultura¹⁰, Canal Futura¹¹, além da TV Aparecida¹², Rede Vida¹³ e TV Brasil¹⁴.

¹⁰ Programação televisiva disponível em <<http://tvcultura.cmais.com.br/>>. Acesso em 11/01/2014.

¹¹ Programação televisiva disponível em <<http://www.futura.org.br/>>. Acesso em 11/01/2014.

¹² Programação televisiva disponível em <<http://www.a12.com/tv-aparecida>>. Acesso em 11/01/2014.

¹³ Programação televisiva disponível em <<http://www.redevida.com.br/>>. Acesso em 11/01/2014.

¹⁴ Programação televisiva disponível em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/>>. Consulta em 11/01/2014.

A Universidade de Brasília (UnB), pioneira no uso da Educação a Distância no ensino superior no Brasil, cria cursos veiculados por jornais e revistas em 1979, reunidos em 1989 no Centro de Educação Aberta e Continuada a Distância (CEAD).

Em 1991, outra iniciativa caminhava ao lado do Telecurso. O programa Jornal da Educação – Edição do Professor, concebido e produzido pela Fundação Roquette-Pinto, foi uma experiência piloto de educação a distância com recepção organizada em seis estados do país. Em 1995, com o nome Salto para o Futuro, foi incorporado à TV Escola, canal educativo do Ministério da Educação. A produção é veiculada também pela TVE Brasil. O objetivo do programa é a formação continuada e o aperfeiçoamento de docentes que trabalham em educação, além de alunos dos cursos de magistério.

Com o avanço nos processos de informatização no país no final da década de 1980 e início dos anos 90, a Educação a Distância teve um avanço significativo. Maia e Mattar (2007) explicam que a partir de 1990 as instituições de ensino superior começaram a desenvolver cursos a distância baseados nas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC).

A Educação a Distância surge oficialmente no Brasil com a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), sendo normatizada pelos Decretos nº 2.494/98; 2.561/98 e pela Portaria Ministerial nº 301/98. A definição de Educação a Distância (EaD) como uma modalidade que “serve dos meios e tecnologias de informação e comunicação como um processo de ensino e aprendizagem desenvolvendo atividades educativas em lugares e tempos diversos” está presente no Decreto 5.622, de 19/12/2005 (que revoga o Decreto 2.494/98), que regulamenta o Art. 80 da Lei 9394/96 contida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

A UniRede¹⁵ foi um consórcio interuniversitário criado em dezembro de 1999 com o nome de Universidade Virtual Pública do Brasil e composto por 82 instituições públicas de ensino superior e 7 consórcios regionais, com o objetivo principal de democratizar o acesso à educação de qualidade por meio da oferta de cursos a distância nos níveis de graduação, pós-graduação e extensão, sob a forma de ensino regular gratuito e educação continuada.

Em 2004, o MEC implantou vários programas para a formação de professores do Ensino Fundamental e Médio, entre eles o Proletramento e o Mídias na Educação. Essas ações estimularam a criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil. Em 2006, portanto, é criada

¹⁵ Mais informações em <http://www.aunirede.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=43&Itemid=27>. Acesso em 07/01/2014.

a Universidade Aberta do Brasil (UAB)¹⁶, através do decreto nº 5.800/06, uma parceria entre MEC, estados e municípios com cursos e programas de educação superior a distância. A UAB oferece, por meio de educação a distância, cursos de nível superior para camadas da população com dificuldade de acesso à formação universitária. O público em geral é atendido, mas os professores que atuam na educação básica têm prioridade de formação, seguidos dos dirigentes, gestores e trabalhadores em educação. Para muitos especialistas na área da Educação, a UAB é um marco na história da EaD brasileira.

Resumidamente, o desenvolvimento da EAD pode ser descrito com base nos recursos tecnológicos e de comunicação utilizados para cada época. Na primeira geração, a correspondência de material impresso; na segunda, o uso da teleducação e telecursos com a utilização de recursos radiofônicos e televisivos, aulas expositivas e de vídeo associados a material impresso; na terceira geração, a predominância das tecnologias da informação e comunicação com uso de ambientes interativos de modo que o aluno se engaje nas propostas e seja capaz de criar e tomar decisões sozinho.

Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o professor deve assumir-se como recurso do aprendente, considerado como um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e autorregular esse processo. Esse modelo de aprendizagem é apropriado a adultos com maturidade e motivação necessárias à autoaprendizagem e possuindo um mínimo de habilidade de estudo. (TRINDADE, 1992, p. 32; CARMO, 1997a, p. 300; KNOWLES, 1990, *apud* BELLONI, 2012, p. 42)

A quarta geração é caracterizada pelo *e-learning*, ou seja, a aprendizagem em rede. É nessa fase que a relação professor-aluno ocorre por meio do computador via internet. Moran define educação online como:

o conjunto de ações de ensino-aprendizagem desenvolvidas por meio de meios telemáticos, como a internet, a videoconferência e a teleconferência. [...] Abrange desde cursos totalmente virtuais, sem contato físico – passando por cursos semipresenciais – até cursos presenciais com atividades complementares fora da sala de aula, pela internet. (MORAN, *in* SILVA, 2012, p. 41)

Maia e Mattar (2007, p. 67) explicam que no período de 1990 a 1994 ainda se falava pouco sobre o renascimento da educação a distância apoiada na internet. O conceito de “*web-based education*” ou “*web-based-learning*” surgiu no Brasil nessa época, mas ainda não

¹⁶ Mais informações em <http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6&Itemid=18>. Acesso em 07/01/2014.

totalmente vinculado à tradicional EaD. Por volta de 1994, no entanto, as instituições de ensino superior começaram a trilhar o caminho da virtualidade pesquisando suas inúmeras potencialidades na área da educação.

Na busca de uma proposta, de uma tecnologia ou ferramenta para recriar o modelo tradicional de EaD, surgiram os primeiros ambientes virtuais de aprendizagem, muito antes dos *Learning Management Systems* (LMSs)¹⁷.

Com eles, surgiram as mídias interativas que possibilitaram uma nova relação entre docentes e alunos. E-mail, lista de discussões, fóruns, *blogs*, vídeos e outros recursos na *web* são utilizados hoje como ferramentas da Educação a Distância.

Mattar e Maia (2007, p. 70) ressaltam que “a possibilidade da interatividade encorajou o crescimento e o oferecimento de cursos a distância, e a legislação vigente também possibilitou novas modalidades de aprendizagem, mas pouco se inovou”. Eles explicam:

A inovação veio por conta da migração do modelo anterior de educação a distância, ou seja, do material impresso, enviado pelo correio, sem possibilidade ou com poucas possibilidades de interatividade de professor e aluno em tempo real, para o modelo da EaD interativa, baseada na *web*, com ferramentas e recursos que permitem interatividade, a discussão, a criação de fóruns, comunidades e grupos de relacionamento. Porém, as disciplinas dos cursos oferecidos continuam sendo, basicamente, as mesmas, e o formato das aulas também. (MAIA; MATTAR, 2007, p. 70)

Maia e Mattar fazem um alerta sobre a educação via *web*:

o *e-learning* seria, então, uma versão “maquiada” do tradicional ensino presencial, uma vez que não incorpora alterações substanciais de conceitos, nem mudanças de paradigmas, mas sim uma geração de metodologias e conteúdos de ensino transposta para a internet. As tecnologias da inteligência, apesar de tão inteligentes, não conseguem transformar o modo de ensinar e aprender, porque, apesar da mudança das mídias, o *delivery* informacional continua o mesmo (MAIA; MATTAR, 2007, p. 70)

As novas tecnologias provocam nos atores da EaD ansiedade por novos formatos educacionais, com as instituições de ensino repensando os modelos de negócios e empresários dispostos a gastar milhões em cursos de capacitação e treinamento.

A conectividade abre possibilidades muito variadas de aprendizagem personalizada, flexível, ubíqua, integrada. Como ela é um processo caro e desigual, levará algum tempo até termos condições de generalizá-lo, e a educação permanecerá ainda com um forte viés presencial, o que dificulta mudanças profundas nas propostas educacionais. (MORAN, 2007, p. 125)

¹⁷ Em português, a expressão significa Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). São sistemas utilizados em EaD para a disponibilização de conteúdo, realização de atividades, avaliações e interação entre alunos e professores.

A tendência que se observa é a do campo da educação ser a cada dia povoado pelas máquinas “inteligentes”, tendo em vista que no cotidiano essas máquinas têm garantido espaço cada vez maior.

Essa sociedade povoada de máquinas “inteligentes” já existe, embora ainda esteja restrita a alguns “bolsões de alta tecnologia”, ou seja, a grupos sociais vivendo em ambientes altamente tecnificados, utilizando com crescente intensidade computadores ligados em redes para trabalhar, estudar, comunicar-se para resolver problema da vida cotidiana. (BELLONI, 2012, p. 71)

Embora as TICs transformem profundamente o uso dos livros didáticos, elas não os substituem. É certo que as TICs provocam curiosidade e trazem possibilidades de uma aprendizagem nova com interações mais intensas do que as da sala de aula tradicional.

Se é fundamental reconhecer a importância das TICs e a urgência de criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem sua integração à educação, é também preciso evitar o “deslumbramento” que tende a levar ao uso mais ou menos indiscriminado da tecnologia por si e em si, ou seja, mais por suas virtualidades técnicas do que por suas virtudes pedagógicas. (BELLONI, 2012, p. 80)

Belloni (2012, p. 82) ressalta que as NTICs não são necessariamente mais relevantes e eficazes do que as mídias tradicionais em qualquer situação de aprendizagem. Mas é preciso também “não esquecer que, embora essas técnicas ainda não tenham demonstrado toda sua eficácia pedagógica, elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e fazem parte do universo dos jovens, sendo essa a razão principal da necessidade de sua integração à educação”.

A educação *online* acontece cada vez mais nas diversas situações educacionais. Moran (2012, p. 41) mostra o alcance da educação online quanto explicita que este tipo de educação “abrange desde cursos totalmente virtuais, sem contato físico – passando por cursos semipresenciais – até cursos presenciais com atividades complementares fora da sala de aula, pela internet”.

A modalidade levanta uma série de questionamentos com mais perguntas do que respostas. A educação *online* é utilizada em situações nas quais o presencial não resiste à alta demanda de alunos sem condições de frequentar o ensino presencial.

É um processo muito mais complexo do que o que realizamos no ensino presencial porque exige uma logística nova, que está sendo testada com mídias telemáticas pela primeira vez. É muito tênue a linha que separa os cursos de massa com qualidade daqueles de baixo nível. (MORAN; (Org.) SILVA, 2012, p. 42)

A educação *online* já traz contribuições expressivas para a educação presencial na

medida em que algumas universidades integram aulas presenciais com aulas e atividades virtuais.

Definir padrões pedagógicos na educação a distância pode ser uma tarefa prematura diante da fase de experimentação de vários modelos e formatos na qual gestores, educadores e alunos estão envolvidos.

Os desafios que cercam a aprendizagem na EaD são muitos e parecem ganhar tamanho a cada dia. Isso porque a tecnologia em constante evolução apresenta inúmeras possibilidades de atuação no processo de ensino-aprendizagem. É preciso ter em mente qual é o espaço que a tecnologia ocupa nesse processo.

Cabe ressaltar que a tecnologia por si só não surtirá efeitos se não for elaborada/configurada com um objetivo claro. Mais do que isso, a tecnologia em relação à interatividade deve ser entendida como ferramenta que necessita de uma pessoa (professor) capacitada para entendê-la e usá-la. Neste sentido, o uso de tecnologia de última geração não é garantia de melhoria na aprendizagem; a interação e a relação pedagógica devem se sobrepor às ferramentas. (AZEVEDO, 2013, p. 168)

A disseminação e avanço das tecnologias trouxeram novas questões pedagógicas à educação *online*, especialmente no que diz respeito à metodologia mais acertada para cada tipo de curso. De que forma devem-se incluir novas ferramentas no cenário educativo, herdado do ambiente convencional da sala de aula. Moran (2012, p. 42) faz uma ressalva sobre esse ponto: “é ainda prematuro definir padrões pedagógicos na educação a distância porque estamos em fase de experimentação de vários modelos e formatos que também são afetos ao ensino presencial”.

Nesse sentido, Azevedo alerta para o necessário equilíbrio entre a tecnologia e a educação:

[...] cabe-nos refletir sobre algo que por vezes tem faltado àqueles que se enveredam na discussão dessa temática, principalmente no âmbito institucional, quando a tecnologia é apontada como valor, e a educação, por vezes, assume o perfil de mercadoria. No que se refere aos processos educativos que envolvem tecnologias, não é a tecnologia que deve estar no centro dos processos, mesmo sendo estes mediados por ela, mas, sim, o ser humano. (AZEVEDO, 2013, p. 153)

De uma forma ou de outra, a tecnologia sempre esteve presente como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação com os alunos.

No centro dessa discussão está um novo contexto pedagógico que deve ser capaz de aproveitar as diversas possibilidades de produção de novos formatos educacionais e, sobretudo, um novo olhar para a educação e processos de interação. Belloni (2012, p. 69)

defende a mediatização do conhecimento. Mediatizar significa conceber metodologias de ensino e estratégias de utilização de materiais de ensino-aprendizagem que potencializem ao máximo as possibilidades de aprendizagem autônoma.

A sala de aula por ser considerada uma “tecnologia”, da mesma forma que o quadro-negro, o giz, o livro e outros materiais são ferramentas (“tecnologias”) pedagógicas que realizam a mediação entre o conhecimento e o aprendente. Na Educação a Distância (EaD), a interação com o professor é indireta e tem de ser mediatizada por uma combinação dos mais adequados suportes técnicos de comunicação, o que torna essa modalidade de educação bem mais dependente de *mediatização* que a educação convencional, do que decorre da grande importância dos meios tecnológicos. (BELLONI, 2012, p. 58)

Neste contexto em que o professor é desafiado a assimilar as inovações com o propósito de transformar a informação em conhecimento e de tornar o aluno capaz de buscar, classificar e selecionar a informação de forma autônoma, como em um processo de autogestão, Azevedo, Souza e Vasconcellos destacam:

A proposta por um novo contexto pedagógico também é acatada por Aretio (2002, p. 163-5) quando menciona que o papel do docente, tradicionalmente de educador, fonte de conhecimento e insubstituível no processo passa a ser, na educação a distância, de um facilitador e orientador da aprendizagem. Assim, ele é um produtor de material ou um orientador de aprendizagem que tem suas habilidades e competências conhecidas pelos alunos de forma diferenciada do ensino presencial. (AZEVEDO; SOUZA; VASCONCELLOS, 2010, p. 08)

2.2 - Conectivismo e os MOOCs

As três teorias clássicas de aprendizagem, o behaviorismo, cognitivismo e construtivismo, se desenvolveram em um tempo em que a aprendizagem não sofria impacto tão acentuado da tecnologia. Hoje vivemos cercados por ambientes tecnológicos em muitas esferas da vida cotidiana. É evidente o quanto a tecnologia transformou nosso modo de viver, se comunicar e, essencialmente, de aprender. Na esteira da educação, o processo de ensino-aprendizagem caminhou ao lado da evolução da tecnologia. E o conhecimento cresceu exponencialmente, como afirma Siemens¹⁸:

Os aprendizes até bem pouco tempo atrás (40 anos) podiam completar a escolaridade requerida e iniciar uma carreira que podia, na maioria das vezes, durar a vida toda. O desenvolvimento das informações era lento. A duração do conhecimento era medida em décadas. Hoje, esses princípios de origem foram alterados. O conhecimento está crescendo exponencialmente.

¹⁸ Texto Conectivismo – uma teoria de aprendizagem para a idade digital, de George Siemens. Disponível em <<http://webcompetencias.com/?s=siemens>>. Acesso 04/01/2014.

Em muitas áreas a duração do conhecimento é agora medida em meses e anos. (SIEMENS, 2004, p. 7)

Em um mundo ligado em rede, as teorias de aprendizagem desenvolvem uma nova ótica. A tentativa de parte dos teóricos é continuar a revisar e desenvolver as teorias na medida em que as condições mudam (SIEMENS, 2004).

Uma nova abordagem vem sendo discutida entre pesquisadores da área da Educação. Trata-se do conectivismo, uma teoria de aprendizagem defendida pelo canadense George Siemens. Mattar (2013, p. 65) explica que as teorias de aprendizagem deveriam ser ajustadas tendo em vista que o conhecimento não é mais adquirido de maneira linear. O aprendizado não é mais interno, mas é também externo. Em vez de o conhecimento residir apenas na mente de um indivíduo, reside de uma maneira distribuída em uma rede. “O conhecimento requer que nossa capacidade de aprendizagem resida nas conexões que formamos com as pessoas e com a informação, em geral mediadas ou facilitadas pela tecnologia”. (MATTAR, 2013, p. 57)

Aprender não é mais um processo inteiramente sob controle do indivíduo, uma atividade interna, individualista: está também fora de nós, em outras pessoas, em uma organização ou em um banco de dados, e essas conexões externas, que potencializam o que podemos aprender, são mais importantes que nosso estado atual de conhecimento. (MATTAR, 2013, p. 56-57)

E na era digital, há indícios de que a teoria do conectivismo vem sendo discutida entre educadores e educandos. Apelidada de teoria de aprendizagem para a era digital, o conectivismo incorpora o impacto da tecnologia na forma em que vivemos, nos comunicamos e aprendemos.

Segundo Mattar (*apud* DOWNES, 2013, p. 58), o conectivismo é a tese de que o conhecimento é distribuído por uma rede de conexões e, portanto, que o aprendizado consiste na habilidade de construir e passear por essas redes. Dessa forma, o conhecimento não é adquirido como se fosse uma coisa, nem transmitido como se fosse um tipo de comunicação.

Com a proposta de debater essa nova teoria de aprendizagem, os criadores do conectivismo, George Siemens e Stephen Downes, ofereceram, em 2008, um curso denominado *Connectivism and Connective Knowledge*, em português Conectivismo e Conhecimento Conectivo. Vinte e cinco alunos da Universidade de Manitoba, no Canadá, e outros 2.300 alunos participaram do curso via internet.

Essa iniciativa ficou conhecida como MOOC – *Massive Open Online Course*, ou Curso Online Aberto e Massivo, um modelo de curso *online*, com conteúdos livres e abertos, acessíveis a qualquer pessoa por meio da internet. Esse modelo é capaz de engajar centenas

de milhares de estudantes em todo o mundo. Os MOOCs são uma tentativa de explorar o novo modelo de aprendizagem via *web* por meio de AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem, ferramentas da *web* e/ou redes sociais com o objetivo de oferecer a um grande número de alunos a possibilidade de ampliar seus conhecimentos em um processo de coprodução.

Mattar (2012, p. 59) explica que em função da diversidade de cursos, plataformas, métodos pedagógicos, instituições e modelos de negócio que caracterizam o universo dos MOOCs hoje, as definições de curso *online*, aberto (gratuito, sem pré-requisitos para a participação e que utiliza recursos educacionais abertos) e massivo (oferecido a um grande número de alunos) deixaram de ser tão cristalinas.

A essência dos MOOCs conectivistas é o espírito de colaboração: além de utilizar conteúdo já disponível gratuitamente na *web*, boa parte do conteúdo é produzida, remixada e compartilhada por seus participantes durante o próprio curso, em *posts* em *blogs* ou fóruns de discussão, recursos visuais, áudio e vídeos, dentre outros formatos. Os alunos podem assim ser considerados *prosumers* de informação e conteúdo, a fusão das palavras *producer* (produtor) e *consumer* (consumidor). (MATTAR, 2013, p. 60)

O ano de 2012 ficou conhecido como o "Ano dos MOOCs", de acordo com o jornal *The New York Times*¹⁹. Diversas iniciativas foram alavancadas por investimentos e associadas com universidades bem conceituadas.

Mattar e Figueiredo (2013) apontam o MOOC como um modelo para disponibilização de conteúdos de aprendizagem *online* para qualquer pessoa que queira fazer um curso.

Os MOOCs ganharam destaque como inovação educacional por disponibilizarem o conteúdo de grandes universidades investindo na democratização do conhecimento. Exemplos de MOOCs são o Coursera²⁰, Udacity²¹ e EdX²². Na reportagem veiculada em novembro de 2012, o provedor EdX, formado pela Universidade de Harvard e pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), tinha 370 mil alunos inscritos, o Udacity, 150 mil alunos e o Coursera, 1,7 milhão de estudantes.

Siemens chama de cMOOCs os MOOCs conectivistas e de xMOOCs a nova geração de MOOCs.

Segundo Siemens, o modelo conectivista dos MOOCs enfatiza a criação, a criatividade, a autonomia e a aprendizagem social em rede, enquanto o

¹⁹ Manchete da página *online* do jornal *The New York Times* de setembro de 2012. Disponível em <http://www.nytimes.com/2012/11/04/education/edlife/massive-open-online-courses-are-multiplying-at-a-rapid-pace.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em 18/01/2014.

²⁰ Portal do Coursera disponível em <<https://www.coursera.org/>>. Acesso em 01/01/2014.

²¹ Portal do Udacity disponível em <<https://www.udacity.com/>>. Acesso em 01/01/2014.

²² Portal do EdX disponível em <<https://www.edx.org/>>. Acesso em 01/01/2014.

modelo do Coursera enfatiza uma abordagem de aprendizagem mais tradicional por meio de apresentações de vídeo e pequenos exercícios e testes. Os cMOOCs focariam, portanto, na criação e geração do conhecimento, enquanto os xMOOCs focariam na duplicação do conhecimento. (MATTAR, 2013, p. 64)

O primeiro MOOC em língua portuguesa foi o MOOC EaD, um curso sobre Educação a Distância, coordenado pelos professores João Mattar, do Brasil, e Paulo Simões, de Portugal. Apoiado pelo TIDD, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e pela Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), o MOOC EaD começou a funcionar em 15/10/2012 com a construção colaborativa de uma página no Facebook sobre a história da EaD.

No ano seguinte, de abril a junho de 2013, João Mattar coordenou o MOOC LP (Língua Portuguesa) com 5.100 alunos inscritos e certificação emitida pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior. Em novembro do mesmo ano, foi lançado o MOOC Tutoria, também sob curadoria de Mattar e Simões.

Em junho de 2013, o portal brasileiro Veduca lançou dois MOOCs, um de Física Básica e outro de Probabilidade e Estatística com certificação pela Universidade de São Paulo (USP). Os dois cursos receberam inscrições de mais de 10.000 estudantes.

Iniciativa similar aos MOOCs, o Khan Academy oferece aulas individuais nas quais os alunos estão aptos a seguir o curso no seu próprio ritmo e de forma assíncrona com os demais estudantes.

Enquanto não há uma definição em comum aceita do que seja um MOOC, duas características básicas merecem ser destacadas:

- Acesso aberto: Para participar de um MOOC não é necessária a matrícula efetiva em uma escola clássica e não é obrigado o pagamento de qualquer taxa. Embora possam ter custos de manutenção, os MOOCs são em princípio totalmente gratuitos e abertos para qualquer tipo de público;
- Escalabilidade: Muitos cursos tradicionais dependem de certo número de participantes e alguns professores para serem iniciados. No entanto, pela proposta do MOOC de ser massivo, o curso é projetado para suportar um número indefinido de participantes.

2.3 - A videoaula na EaD

Estudantes do século 21 vêm crescendo em uma era digital na qual a busca e a relação

por novos conteúdos e formas de aprendizagem é uma realidade promissora. Alunos de cursos a distância estão rodeados de novas tecnologias que lhes permitem exercitar a criatividade, a independência e a autonomia.

É por meio das plataformas digitais na internet que alunos da Educação a Distância têm vivenciado uma mudança significativa no processo de ensino-aprendizagem. Inúmeros são os recursos e ferramentas utilizados por instituições de ensino em EaD com o intuito de tornar o processo pedagógico ainda mais interessante e eficaz.

Dentre as diferentes estratégias utilizadas pelas instituições de EaD, as videoaulas são ferramentas educacionais que utilizam recursos e linguagem audiovisual para complementar as diferentes formas de ensinar. Sabe-se que as videoaulas não se propõem a corresponder às aulas presenciais. Luna, Luna e Rodrigues²³ explicam que o gênero videoaula possui características que se assemelham e se diferenciam da aula presencial. A principal semelhança está relacionada a sua funcionalidade: construir conhecimento. Dentre as principais diferenças, destaca-se sua natureza assíncrona, ou seja, não é uma interação em tempo real. Os alunos podem acessar a videoaula a qualquer hora em qualquer lugar.

Apresentado no Congresso ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância – de 2003, com o título “Novas perspectivas para utilização de meios e materiais em EaD”, o trabalho formula a seguinte definição de videoaula:

A videoaula é uma tecnologia que proporciona a comunicação "face a face" entre grupos situados em dois ou mais lugares geograficamente diferentes. Das tecnologias utilizadas no ensino a distância, a videoaula é a que mais se aproxima da situação convencional da sala de aula, podendo ser considerada uma atividade presencial, por possibilitar a conversa em duas vias, permitindo que o processo de ensino/aprendizagem ocorra em tempo real (*online*) e possa ser interativo. (CERQUEIRA; BARTHOLO; MUDADO; AYRES, 2003)

Dessa forma, a mídia televisiva – na condição de meio audiovisual consagrado, com linguagem estabelecida, testada e comprovada – pode oferecer subsídio para orientação, produção e execução de videoaulas na EaD, modalidade ainda pouco explorada diante da potencialidade do veículo.

Moran²⁴ reforça a ideia de um padrão comum entre os telespectadores brasileiros.

A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial,

²³ Disponível em <<http://www.revistaautonomia.com.br/volumes/Ano4-Volume1/linguistica/LINGELUNA.pdf>> Acesso em 18/01/2014.

²⁴ Trecho extraído do texto “As Mídias na Educação”. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/midias_educ.pdf>. Acesso em 18/01/2014.

afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos – levam para sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despreziosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais abstrato, complexo e na contramão da maioria como a escola se propõe a fazer. (MORAN, 2007)

A videoaula concebida para a EaD via internet é utilizada para situações de ensino e aprendizagem e tende a se tornar bastante familiar dos telespectadores, considerando que a teleaula (aula veiculada na televisão) é um formato do gênero educativo implantado e ainda ativo desde a década de 1970.

Nos dias atuais em que o vídeo em sala de aula e as videoaulas podem instrumentalizar o professor e o aluno para um aprendizado mais consistente, tornar a produção de videoaulas mais dinâmica e exequível é condição primeira para que o aluno se interesse pelo conteúdo proposto e o professor sensibilize seus alunos. Os vídeos assumem um papel fundamental no processo de interação com o aluno.

Em entrevista ao *Jornal do Professor*²⁵, Moran comentou sobre a linguagem televisiva e sua ressonância entre os alunos.

As linguagens da TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta. São dinâmicas, dirigem-se antes à afetividade do que à razão. As crianças e os jovens leem o que podem visualizar, precisam ver para compreender. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. (MORAN, 2009)

Moran ainda afirma que os recursos audiovisuais recorrem a nossa imaginação, e a imaginação está intimamente interligada à afetividade. Por isso, os jovens e a grande maioria dos adultos respondem sensivelmente à linguagem do vídeo. Para ele, o vídeo tem uma dimensão moderna e lúdica. Moderna porque é um meio de comunicação contemporâneo, novo e que integra várias linguagens. Lúdica, pois permite brincar com a realidade e mostrá-la onde quer que seja necessário ou desejável.

Precisamos, em consequência, *estabelecer pontes efetivas entre educadores e meios de comunicação*. Educar os educadores para que, junto com os seus alunos, compreendam melhor o fascinante processo de troca, de informação-ocultamento-sedução, os códigos polivalentes e suas mensagens. Educar para compreender melhor seu significado dentro da nossa sociedade, para ajudar na sua democratização, onde cada pessoa possa exercer integralmente a sua cidadania. (MORAN, 2007, p. 162-166)

Belloni (2012, p. 67) reforça o conceito de mediatização como competência indispensável para qualquer ação de Educação a Distância. Ela acredita que “o que é novo é o grande elenco de mídias cada vez mais ‘performantes’ disponíveis hoje no mercado, já sendo

²⁵ Entrevista disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/videos.pdf>. Acesso em 18/01/2014.

utilizadas por muitos dos aprendentes fora da escola, o que acarreta uma crescente exigência de qualidade técnica da parte dos estudantes”.

Nesse sentido, entra a produção de materiais para EaD. Faz-se necessário definir as formas de apresentação dos conteúdos didáticos que estejam de acordo e potencializem ao máximo as características comunicacionais do meio técnico escolhido a fim de possibilitar ao estudante uma aprendizagem autônoma e independente.

Cabe lembrar que as NTICs não são necessariamente mais relevantes ou mais eficazes do que as mídias tradicionais em qualquer situação de aprendizagem. Mas é preciso também não esquecer que, embora essas técnicas ainda não tenham demonstrado toda sua eficácia pedagógica, elas estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e fazem parte do universo dos jovens, *sendo essa razão a principal da necessidade de sua integração à educação.* (BELLONI, 2012, p. 82)

A capacitação docente para a utilização do meio audiovisual como canal de comunicação a distância faz-se imprescindível no processo de ensino-aprendizagem de EAD. Com base no exposto, pensar novos formatos e linguagens que atendam à demanda e à expectativa dos alunos é primordial para a qualidade das videoaulas.

O pesquisador alemão Wolfram Laaser explica a dificuldade que professores enfrentam ao lidar com recursos audiovisuais.

Um dos problemas principais no trabalho conjunto entre o pessoal acadêmico e os técnicos em mídia é que os palestrantes estão acostumados à apresentação linear de um assunto e não a pensar em termo de imagens. Frequentemente, ocorre-lhes a ideia de escrever algo como uma palestra curta e esperar que o técnico em mídia ilustre o texto com imagem. O resultado é um “show de slides” um tanto monótono. Ao invés deste procedimento, a equipe do curso deve começar com eventos visuais e didáticos, formando uma sequência didática relevante (motivação, apresentação de um problema, visões acadêmicas diferentes, áreas de aplicação) e como ela deve ser visualizada (apresentação gráfica, animação, explicação do palestrante ou apresentador, entrevista, discussão em grupo, ilustração com cenas da vida real). (LAASER, 1996)

Gerbase (2006) discute uma forma para dinamizar a videoaula para que esse recurso em potencial deixe de lado a monotonia.

Uma aula à distância não é um filme de ficção. Também não é um documentário. É algo novo, cuja linguagem está sendo estabelecida agora. Mas já temos algumas certezas: as aulas melhores são aquelas que têm movimento, ação, que sabem romper a monotonia. Precisamos de mais tons, de uma dinâmica inovadora, a ser obtida de diversas maneiras: pelo movimento físico do professor, movimento das câmeras, cortes para enquadramentos diferentes, interatividade com os alunos distantes (no caso de transmissão ao vivo) e, principalmente, pelo uso de recursos audiovisuais que respeitem a especificidade do meio que está sendo usado. (GERBASE, 2006, p. 04-05)

Considerando o exposto, a fonte pode estar na televisão já que o produto videoaula é similar ao da teleaula, considerando os formatos desenvolvidos e adotados atualmente. E como esses formatos televisivos já contam com mais de meio século de prática, e suas soluções são testadas, aprovadas e desenvolvidas diariamente, oferecem, portanto, referências úteis para sua aplicação também no processo de ensino-aprendizagem pretendido na modalidade de ensino a distância.

Os agentes envolvidos em EAD – alunos, professores, monitores – precisam, portanto, ser capacitados a explorar os diversos recursos disponíveis, tanto de expressão quanto de tecnologia, para transmitir adequadamente os conteúdos. Nessa perspectiva, e em função do tipo de comunicação mediada que se estabelece, a forma assume dimensão tão importante quanto o conteúdo.

3 Procedimentos metodológicos

A opção por pesquisar formatos televisivos utilizados em videoaulas disponíveis na *web* (*World Wide Web*) surgiu da reflexão sobre o grande crescimento de cursos *online* gratuitos e massivos atualmente disponíveis. A motivação do estudo envolveu duas frentes de trabalho: a de gêneros e formatos da mídia eletrônica televisão e a de videoaulas oferecidas na *web* para a modalidade Educação a Distância aberta e gratuita.

A proposta da pesquisa foi analisar quais gêneros e formatos, reconhecidamente aplicados em programas da televisão brasileira, foram apropriados na produção e pós-produção dessas videoaulas. A base teórica está fundamentada na obra do pesquisador brasileiro José Carlos Aronchi de Souza, intitulada *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira*.

Como exposto no capítulo 1 desta dissertação, Aronchi (2004) classificou os programas da televisão brasileira em cinco categorias, mais de 30 gêneros e 30 formatos (quadros 1 e 2).

A quantidade de plataformas com oferta de videoaulas na *web* é incontável, de crescimento vertiginoso e irreversível, o que tem propiciado novas possibilidades para a Educação. A produção de vídeos educacionais tem se mostrado uma tendência bastante explorada, mas com potencial para uma evolução ainda maior no que diz respeito à qualidade e à eficácia dos vídeos como peça no processo de ensino-aprendizagem.

Uma das principais características da *web* atual é a colaboração em que o usuário também é considerado autor e, portanto, remixa, produz conteúdos e os devolve à rede para acesso de outros usuários. Mattar (2013, p. 21) enfatiza o perfil desse usuário como aquele que “não é mais concebido apenas como um consumidor passivo, mas agora também como codesenvolvedor do *software*, que vai se tornando melhor conforme é mais utilizado e modificado pelos usuários”.

O volume maciço de vídeos educativos *online* tem garantido espaço na rede com um número de usuários crescente e de perfis heterogêneos.

Os objetos a serem analisados nesta pesquisa são vídeos disponibilizados na *web* em sítios livres, os quais ampliaram imensamente o repositório de conteúdo livre usado em educação tanto presencial quanto a distância.

3.1 - Método

Para esta pesquisa, foram selecionados 20 vídeos oferecidos em quatro plataformas distintas. Por ser a *web* um universo particularmente difícil de recortar em função de sua escala, heterogeneidade e dinamismo, optou-se por uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo para que fossem analisadas as principais características e particularidades de cada objeto.

Fragoso, Recuero e Amaral explicam:

A pesquisa qualitativa visa uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social. Nesse contexto, o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 67)

As plataformas escolhidas foram Coursera, Khan Academy, Veduca e YouTube Edu. Os critérios adotados levaram em consideração o *ranking*, quantidade de acessos e ineditismo. A amostra dos vídeos foi selecionada em 02/01/2014.

O método eleito para estudo dessas videoaulas é a análise de conteúdo, e a definição das categorias de análise tem como base o critério de categorização semântico (BARDIN, 2004). Nesse critério, procura-se no conteúdo da mensagem elementos que a significam como um dos conceitos apresentados e a classificam e reagrupam em categorias temáticas. (BARDIN, 2004, p. 111)

Abaixo, seguem as páginas iniciais dos cursos oferecidos pelos sites da amostra.

Figura 12 – Página inicial do portal Coursera

The screenshot shows the Coursera website interface. At the top, there is a search bar and navigation links for 'Courses', 'Institutions', 'About', and a user profile 'Cláudia Rodr...'. Below the search bar, there are filters for 'Global Partners (554)' and 'US State Institutions (8)'. The main content area displays a list of courses with the following details:

Sort by	Starting soon	Course Title	Institution	Start Date	Duration
<input type="checkbox"/> Starting Soon	106	Shanghai Jiao Tong University 粒子世界探秘 Exploring Particle World with 李向东	Shanghai Jiao Tong University	Jan 1st 2014	6 weeks long
<input type="checkbox"/> Verified Certificates	173	Shanghai Jiao Tong University 法与社会 Law and Society with 李卫东	Shanghai Jiao Tong University	Jan 1st 2014	6 weeks long
<input checked="" type="checkbox"/> All Languages	554	Duke University Introduction to Genetics and Evolution with Mohamed Noor	Duke University	Jan 3rd 2014	12 weeks long Verified Certificate
<input type="checkbox"/> English	488	The University of British Columbia Useful Genetics Part 2 with Rosemary Redfield	The University of British Columbia	Jan 3rd 2014	6 weeks long Verified Certificate
<input type="checkbox"/> Chinese	31	California Institute of Technology Drugs and the Brain with Henry A. Lester	California Institute of Technology	Jan 4th 2014	7 weeks long
<input type="checkbox"/> French	20	Stanford University Cryptography I with Dan Boneh	Stanford University	Jan 6th 2014	6 weeks long
<input type="checkbox"/> Russian	13	University of Illinois at Urbana-Champaign Heterogeneous Parallel Programming with Wen-mei W. Hwu	University of Illinois at Urbana-Champaign	Jan 6th 2014	9 weeks long Verified Certificate
<input type="checkbox"/> Spanish	13	National University of Singapore Unpredictable? Randomness, Chance and Free Will	National University of Singapore	Jan 6th 2014	6 weeks long
<input type="checkbox"/> Portuguese	6				
<input type="checkbox"/> Turkish	4				
<input type="checkbox"/> Arabic	2				
<input type="checkbox"/> German	2				
<input type="checkbox"/> Ukrainian	2				
<input type="checkbox"/> Italian	1				
<input type="checkbox"/> Japanese	1				
<input checked="" type="checkbox"/> All Categories	554				
<input type="checkbox"/> Arts	26				
<input type="checkbox"/> Biology & Life Sciences	68				
<input type="checkbox"/> Business & Management	63				
<input type="checkbox"/> Chemistry	19				
<input type="checkbox"/> CS: Artificial Intelligence	29				
<input type="checkbox"/> CS: Software Engineering	30				
<input type="checkbox"/> CS: Systems & Security	21				
<input type="checkbox"/> CS: Theory	29				
<input type="checkbox"/> Economics & Finance	62				
<input type="checkbox"/> Education	65				

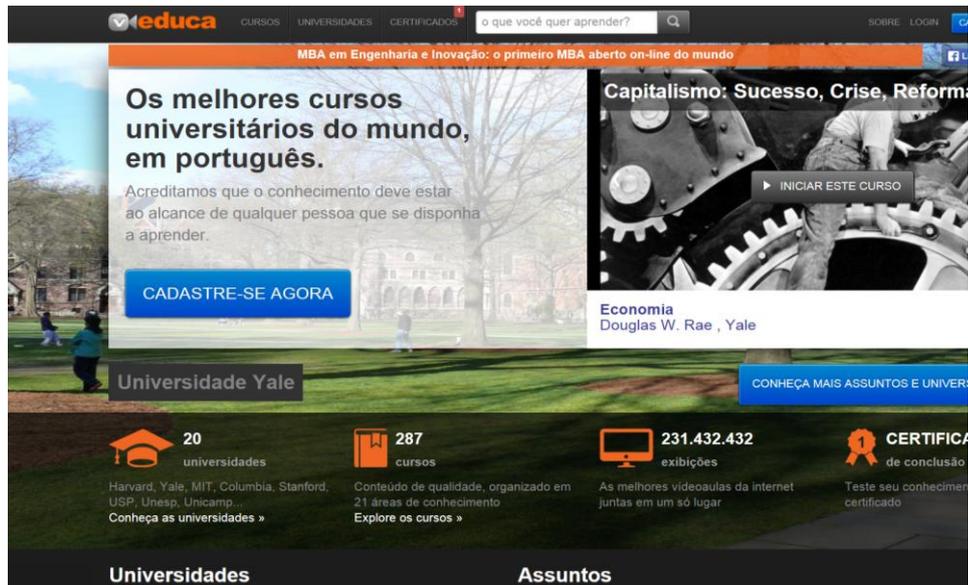
Fonte: *Print screen* do portal Coursera na internet (<https://www.coursera.org/>)

Figura 13 – Página inicial do portal Khan Academy



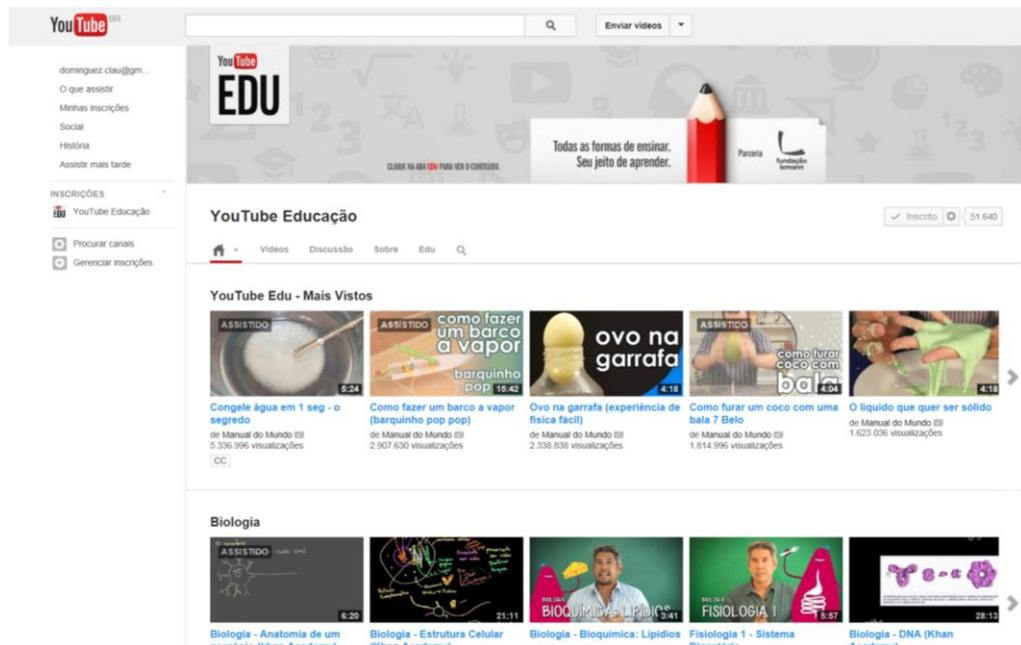
Fonte: *Print screen* do portal do Khan Academy em português na internet
(<http://www.fundacaolemann.org.br/khanportugues/>)

Figura 14 – Página inicial do portal Veduca



Fonte: *Print screen* do portal do Veduca na internet (<http://www.veduca.com.br/>)

Figura 15 – Página inicial do YouTube Edu



Fonte: *Print screen* do portal do YouTube Edu na internet

(https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8AjIwg)

Trabalhou-se nesta pesquisa com um tipo de amostra intencional, ou seja, amostras de videoaulas de diferentes fontes tendo a abrangência como escopo.

Fragoso, Recuero e Amaral comentam as amostras intencionais como sendo

amostras qualitativas, cujos elementos são selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.78)

As amostras foram escolhidas por conveniência – um subtipo da categoria de amostra intencional que “busca a seleção de casos ou elementos que estão mais próximos, mais acessíveis ou com os quais é mais fácil ou mais barato trabalhar” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 80).

Nesta pesquisa de dissertação, a escolha dos vídeos teve como critério as videoaulas mais vistas em ordem decrescente de visualização, ou seja, os cinco vídeos com o maior número de visualizações, do maior para o menor.

A tabela abaixo mostra a relação do *corpus* da pesquisa com a lista das videoaulas que foram analisadas.

Quadro 03 – *Corpus* da pesquisa

PLATAFORMA	ORIGEM	CATEGORIA	CURSO	AULA	ACESSOS	LINKS
VEDUCA	Universidade da Califórnia	Biologia	Anatomia geral humana	Organização do Corpo	Não informado	http://veduca.com.br/play/1210
VEDUCA	TED	Comunicação & Jornalismo	Cobrimdo as notícias mundiais	Alisa Miller: Notícias sobre os Jornais	Não informado	http://veduca.com.br/play/5400
VEDUCA	Yale University	Engenharia	Fronteiras da engenharia biomédica	O que é Engenharia Biomédica?	Não informado	http://veduca.com.br/play/4945?q=o+que+%C3%A9+engenharia+biom%C3%A9dica
VEDUCA	MIT	Matemática & estatística	Cálculo multivariável	Produto Escalar	Não informado	http://veduca.com.br/play/1043
VEDUCA	USP	Educação	Tópicos de epistemologia e didática	Introdução – Parte 1	Não informado	http://veduca.com.br/play/5575
KHAN ACADEMY		Matemática		Khan responde: Thiago Silva – jogador da seleção brasileira de futebol	11.376	http://www.youtube.com/watch?v=0CjCVjCAFKI
KHAN ACADEMY		Biologia		Taxonomia e árvore da vida	6.366	http://www.youtube.com/watch?v=76obkqM8OWA#t=11
KHAN ACADEMY		Química		Elementos e Átomos	52.119	http://www.youtube.com/watch?v=PBA_k5IHvhQ#t=15
KHAN ACADEMY		Física		Primeira Lei de Newton	48.671	http://www.youtube.com/watch?v=Raqr6vraVE
KHAN ACADEMY		Aritmética e Pré-álgebra		Adição Básica	66.364	http://www.youtube.com/watch?v=_RxIsBr40kQ
COURSERA	University of Virginia	Arts	Plagues, Witches and War: The Worlds of Historical Fiction	An overview of “Plagues, Witches and War”	Não informado	https://class.coursera.org/hisfiction-001/lecture/5
COURSERA	University of Stanford	Engineering	Startup Engineering	Startup Engineering	Não informado	https://class.coursera.org/startup-001/lecture/57
COURSERA	Rice University	Chemestry	Nanotechnology: The Basics	About this class	Não informado	https://class.coursera.org/nanotech-001/lecture/3
COURSERA	University of Pennsylvania	Business & Management	An Introduction to Marketing	Marketing 101: Building Strong Brands – Part 1	Não informado	https://class.coursera.org/marketing-001/lecture/9
COURSERA	University of Washington	System & Security	Information Security and Risk Management in Context	CISO: Kirk Bailey and Ernie Hayden, Part 1 – Three Areas	Não informado	https://class.coursera.org/inforiskman-005/lecture/5

YOUTUBE EDU	Manual do Mundo			Congele água em 1 seg – o segredo	5.337.011	http://www.youtube.com/watch?v=MKwlNj8cIZw&feature=c4-overview-vl&list=PLf3WdQPlwNt7rrJ7REQYVNnbsZLr4W_jc
YOUTUBE EDU	Manual do Mundo			Como fazer um barco a vapor (barquinho pop pop)	2.907.672	http://www.youtube.com/watch?v=QHcXqpYgJ8M&list=PLf3WdQPlwNt7rrJ7REQYVNnbsZLr4W_jc
YOUTUBE EDU	Manual do Mundo			Ovo na garrafa (experiência de física fácil)	2.338.872	http://www.youtube.com/watch?v=v0TCHKHcB8k&list=PLf3WdQPlwNt7rrJ7REQYVNnbsZLr4W_jc
YOUTUBE EDU	Manual do Mundo			Como furar o coco com uma bala 7 Belo	1.815.049	http://www.youtube.com/watch?v=0DJB7BnEaM&list=PLf3WdQPlwNt7rrJ7REQYVNnbsZLr4W_jc
YOUTUBE EDU	Manual do Mundo			O líquido que quer ser sólido	1.623.159	http://www.youtube.com/watch?v=ZCGwatTa8r8&list=PLf3WdQPlwNt7rrJ7REQYVNnbsZLr4W_jc

Fonte: Elaborado pelo autora

3.2 - Plataforma Veduca

A plataforma de *e-learning* Veduca é uma empresa brasileira que disponibiliza cursos *online* de universidades estrangeiras e também nacionais, de forma aberta e gratuita. Tem como propósito democratizar o acesso à educação de alta qualidade no mundo.

Idealizado pelo engenheiro aeronáutico Carlos Souza, a primeira versão do Veduca foi ao ar em março de 2012. O site começou com um acervo de 5 mil aulas, de 13 das melhores universidades do mundo, como MIT, Harvard, Yale, Stanford e a brasileira USP.

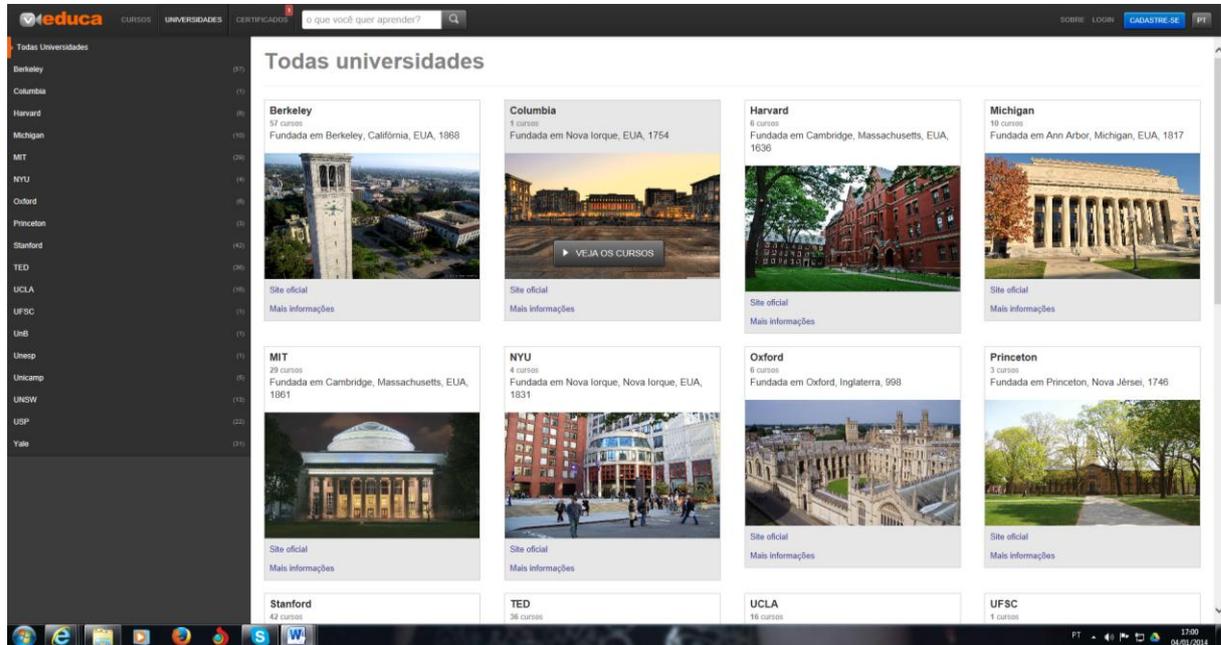
Em junho de 2013, o Veduca lançou sua nova plataforma e os primeiros MOOCs, *Massive Open Online Courses*, da América Latina com certificação. Está em 6º lugar no *ranking* de universidades parceiras²⁶. Pela posição no *ranking* e pelo pioneirismo em trazer MOOCs de instituições estrangeiras ao Brasil, foi valorizado como parte da amostra desta pesquisa.

A parceria com 18 universidades traz 287 cursos e mais de 231 milhões de visualizações. Os cursos são divididos em 21 categorias, a saber: Artes & Arquitetura, Astronomia, Biologia, Ciência da Computação, Comunicação & Jornalismo, Direito, Economia, Educação, Engenharia, Filosofia & Religião, Física, Geografia & Estudos

²⁶ Informação do *ranking* disponível em <<http://listedtech.com/>>. Acesso em 27/12/2013.

Culturais, História, Literatura, Línguas e Linguística, Matemática & Estatística, Medicina & Ciências da Saúde, Meio Ambiente & Ciências da Terra, Política, Psicologia e Química.

Figura 16 – Página do portal Veduca



Fonte: *Print screen* do site do Veduca

3.3 - Plataforma Khan Academy

Criada em 2008, a Khan Academy é uma organização educacional sem fins lucrativos, fundada pelo norte-americano Salman Khan. A ONG, sediada em Mountain View, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, oferece videoaulas e plataforma de exercícios *online* gratuitos. O banco de aulas chega a 4.300 vídeos, todos em inglês.

A Khan Academy é financiada, nos EUA, por doações de pessoas físicas e jurídicas e acessada por cerca de seis milhões de pessoas todos os meses em mais de 200 países. Khan é formado em Matemática e Engenharia Elétrica, com mestrado em Ciência da Computação pelo Massachusetts Institute of Technology, o MIT. Fez também um MBA na Universidade de Harvard.

Recentemente, a Fundação Lemann, em parceria com o Instituto Natura, Instituto Península, Ismart e Fundação Telefônica, trouxe a Khan Academy para o Brasil com a tradução para a língua portuguesa de parte dos vídeos ofertados na versão americana e a adaptação da plataforma de exercícios e relatórios para o contexto brasileiro. Mais de 10 mil alunos de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental de escolas públicas brasileiras já utilizam os vídeos, exercícios e relatórios da Khan Academy. Os vídeos são abertos para o público em

geral por meio do canal oficial da Khan Academy em português, no YouTube. São alunos dos estados de São Paulo, Paraná e Ceará aprendendo com a ajuda da Khan Academy. São mais de 1.000 aulas de Matemática, Biologia, Química e Física.

A produção dos vídeos é feita com os seguintes equipamentos e programas:

- 1- Camtasia Recorder – programa que permite gravar o que está passando na tela do computador;
- 2- SmoothDraw3 – programa gratuito para desenhar e escrever a explicação;
- 3- Wacom Bamboo Tablet – equipamento que permite escrever e desenhar em uma superfície com uma caneta, substituindo o *mouse*.

A escolha da Khan Academy para esta pesquisa se deu pelo formato simples de vídeo produzido por Khan. Em suas aulas, o professor não aparece na imagem apenas sua voz em *off*.

Figura 17 – Página da Khan Academy em português



Fonte: *Print screen* do portal Khan Academy em português

3.4 - Plataforma Coursera

O Coursera é o maior provedor de MOOCs do mundo. É uma empresa educacional também sediada em Mountain View, cidade localizada no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, na região do Vale do Silício que concentra as empresas de tecnologia do país. Fundada em 2011 pelos professores de ciência da computação Andrew Ng e Daphne Koller, da Universidade de Stanford, é parceira das principais universidades e organizações mundiais (vide figura 19). São ao todo 550 parceiros.

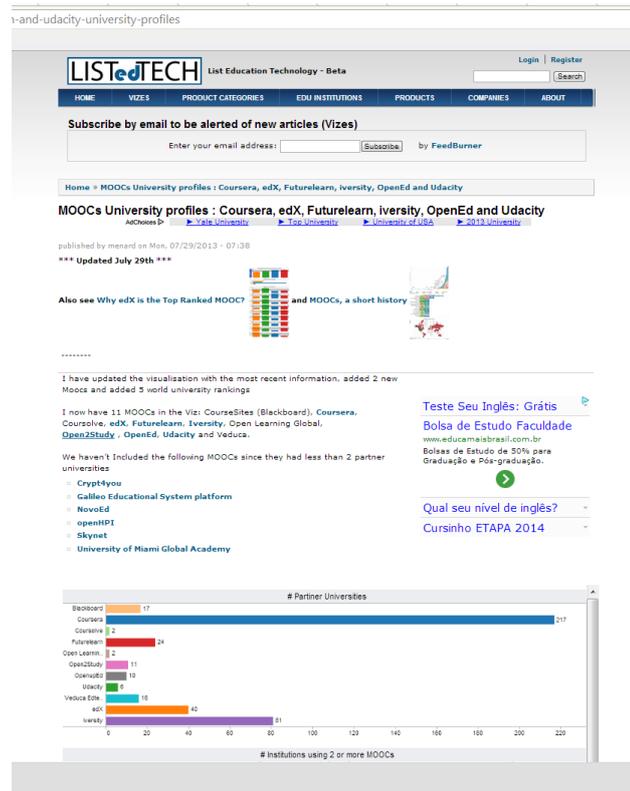
A plataforma de ensino oferece videoaulas dos mais variados temas, divididas em 25 categorias: Artes; Biologia e Ciências da Vida; Negócios e Gestão; Química; Inteligência Artificial; Engenharia de Software; Sistemas de Segurança; Teoria; Economia e Finanças; Educação; Energia e Ciências da Terra; Engenharia; Alimentação e Nutrição; Saúde e Sociedade; Humanidades; Informação, Tecnologia e Design; Lei; Matemática; Medicina; Música, Cinema e Áudio; Ciências Físicas e da Terra; Física; Ciências Sociais; Estatística e Análise de Dados; Desenvolvimento Profissional de Professores.

Cada uma das 25 categorias oferta dezenas de cursos, por sua vez organizados em páginas com instruções relativas à proposta, objetivos e metodologia do curso. Além dessas informações, o usuário conhece quem será o professor e como será o cronograma do curso semana a semana. Para ter acesso às aulas, é necessário inscrever-se gratuitamente para navegar no conteúdo das aulas. Além dos fóruns de discussão e exercícios, há inúmeros vídeos produzidos a cada unidade a ser estudada.

Especificamente sobre as videoaulas, a duração de cada vídeo varia de 3 a 20 minutos. Além das videoaulas, a plataforma traz formas de interação entre os alunos por meio de fóruns e redes sociais.

O Coursera lidera o *ranking* de universidades parceiras em *Massive Open Online Courses*, os MOOCs, como mostra a figura abaixo:

Figura 18 – Página do ranking das plataformas e seus parceiros



Fonte: *Print screen* do site ListedTech (<http://listedtech.com/>)

Figura 19 – Página das instituições parceiras do Coursera



Fonte: *Print screen* do portal Coursera (www.coursera.org)

No Brasil, o Coursera em parceria com a Fundação Lemann lançou dois cursos completos traduzidos para a língua portuguesa.

3.5 - Plataforma YouTube Edu

O YouTube é o site de compartilhamento de conteúdo audiovisual mais acessado em todo o mundo e o 3º mais visitado em todo o planeta, atrás somente do Facebook e do Google, segundo dados do Alexa Analytics²⁷, serviço gerenciado pela Amazon que elabora *rankings* de sites mais acessados. De acordo com Mattar (2013, p. 109), em uma votação para a escolha das melhores ferramentas para aprendizagem, realizada pelo Centre For Learning & Performance Technologies, o YouTube obteve as colocações de 3º lugar em 2009 e 2º lugar por três anos consecutivos, em 2010, 2011 e 2012.

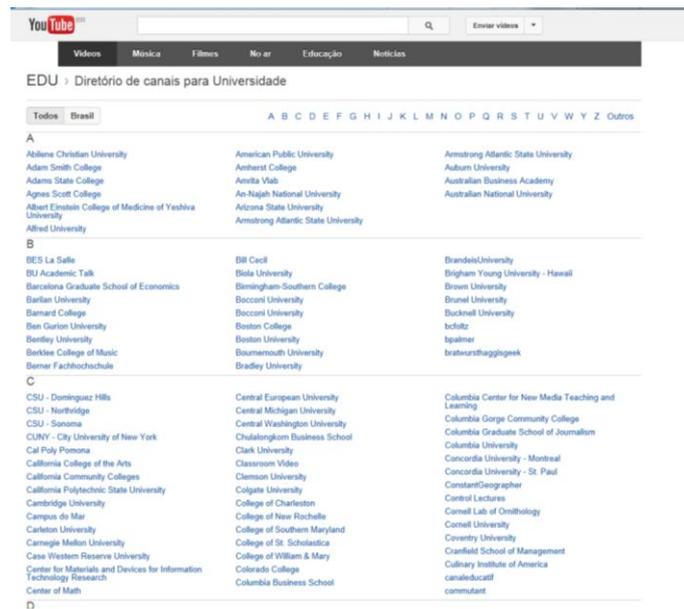
De propriedade do Google, o YouTube acaba de completar nove anos de vida na internet. Foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, três pioneiros do PayPal, um site da internet ligado a gerenciamento de transferência de fundos. Em 2006, ano seguinte à sua fundação, o Google adquiriu o YouTube e transformou o site de vídeos *online* em um negócio bilionário.

De acordo com informações públicas do Google, hoje mais de 1 milhão de pessoas assistem a cerca de 6 bilhões de horas de vídeo mensalmente no YouTube – além disso, 80% do tráfego do site vêm de fora dos EUA, e 40% são realizados por dispositivos móveis.

Inúmeros são os canais de conteúdo educacional com forte ascensão pelo YouTube, tendência registrada nos EUA em 2012. National Geographic, History Channel e Nasa são alguns dos canais disponíveis na rede. Aulas de universidades mundialmente renomadas, como Yale, Stanford, UCLA, MIT, também estão à disposição dos usuários do YouTube.

²⁷ Portal de *ranking* de sites mais acessados. Disponível em <<http://www.alexa.com/topsites>>. Acesso em 05/01/2014.

Figura 20 – Página das universidades parceiras do YouTube Edu



Fonte: *Print screen* do portal YouTube Edu

O lançamento da plataforma de vídeos educacionais do YouTube ocorreu em novembro de 2013. A parceria entre o Google do Brasil e a Fundação Lemann trouxe 8 mil videoaulas de professores brasileiros voltadas para o Ensino Médio. A previsão para o primeiro trimestre de 2014 é a ampliação dos conteúdos para o Ensino Superior e Fundamental.

O Brasil passa a ser o segundo país a receber o projeto de um canal exclusivo de educação dentro do YouTube. Os Estados Unidos foram os primeiros a ganhar uma página com conteúdos educacionais no ano de 2009.

As videoaulas do YouTube Edu são categorizadas por disciplinas, tais como: Língua Portuguesa, Matemática, Química, Física e Biologia. Qualquer educador pode submeter seus canais para avaliação. Os canais passam pela avaliação de uma equipe de 16 especialistas da Fundação Lemann. Com o sinal verde da curadoria, os professores estão aptos a incluir novo material audiovisual.

4 Análise e resultados

Este capítulo destina-se a analisar o *corpus* de 20 videoaulas oferecidas gratuitamente nas plataformas Veduca, Khan Academy, Coursera e YouTube Edu, como exposto anteriormente no capítulo 3. A escolha das videoaulas foi feita em 02/01/2014.

4.1 - *Corpus* de análise

Cinco videoaulas de cada um dos quatro provedores citados anteriormente foram selecionadas para esta pesquisa.

Uma análise dos gêneros e formatos televisivos encontrados neste *corpus* foi realizada a partir dos quadros (1 e 2) propostos por Aronchi de Souza (2004). Todas as aulas foram assistidas na íntegra, totalizando 4 horas e 48 minutos de duração. São elas as seguintes:

Quadro 04 – Plataformas e videoaulas selecionadas para o *corpus*

PLATAFORMA	AULA	NOME DA VIDEOAULA
Veduca	1	Organização do Corpo
Veduca	2	Alisa Miller: Notícias sobre os Jornais
Veduca	3	O que é Engenharia Biomédica?
Veduca	4	Produto Escalar
Veduca	5	Introdução – Parte 1
Khan Academy	6	Khan responde: Thiago Silva – jogador da seleção brasileira de futebol
Khan Academy	7	Taxonomia e árvore da vida
Khan Academy	8	Elementos e Átomos
Khan Academy	9	Primeira Lei de Newton
Khan Academy	10	Adição Básica
Coursera	11	An overview of “Plagues, Witches and War”
Coursera	12	What is a Startup Engineering
Coursera	13	About the class
Coursera	14	Marketing 101: Building Strong Brands – Part 1
Coursera	15	CISO: Kirk Bailey and Ernie Hayden, Part 1 – Three Areas
YouTube Edu	16	Congele água em 1 seg – o segredo
YouTube Edu	17	Como fazer um barco a vapor (barquinho pop pop)
YouTube Edu	18	Ovo na garrafa (experiência de física fácil)
YouTube Edu	19	Como furar o coco com uma bala 7 Belo
YouTube Edu	20	O líquido que quer ser sólido

Fonte: Quadro elaborado pela autora

4.1.1 - Videoaulas da plataforma Veduca

O primeiro vídeo a ser analisado está hospedado na plataforma Veduca. Trata-se de uma videoaula na área da Biologia, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, nos EUA. A aula intitulada “Organização do Corpo” tem duração de 45’01”.

Na abertura da videoaula observa-se um formato conhecido na programação da televisão brasileira, a **vinheta de abertura** do programa. Na sequência, uma das câmeras mostra a imagem de um **auditório** repleto de alunos e de uma professora no centro de um palco. Na versão para o público de língua portuguesa, a videoaula recebeu uma **legenda** neste idioma. Ao longo do vídeo, além dos formatos vinheta, auditório e legenda, encontraram-se os formatos **teletexto** e **teleaula**.

Figura 21 – Trecho da videoaula 1



Fonte: Plataforma Veduca

No decorrer da explanação, há **interação** da plateia de alunos com a professora no momento em que docente, com um cérebro na mão (fig. 21), oferece noções básicas do funcionamento cerebral. Do **gênero educativo**, a videoaula ainda apresenta o formato **instrucional**.

Quadro 05 – Dados da videoaula 1

Aula 1

Provedor: Veduca
 Origem: Universidade da Califórnia
 Categoria: Biologia
 Curso: Anatomia Geral Humana
 Aula: “Organização do Corpo”
 Acessos: não informado
 Duração: 45’01”
 Link: <http://veduca.com.br/play/1210>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

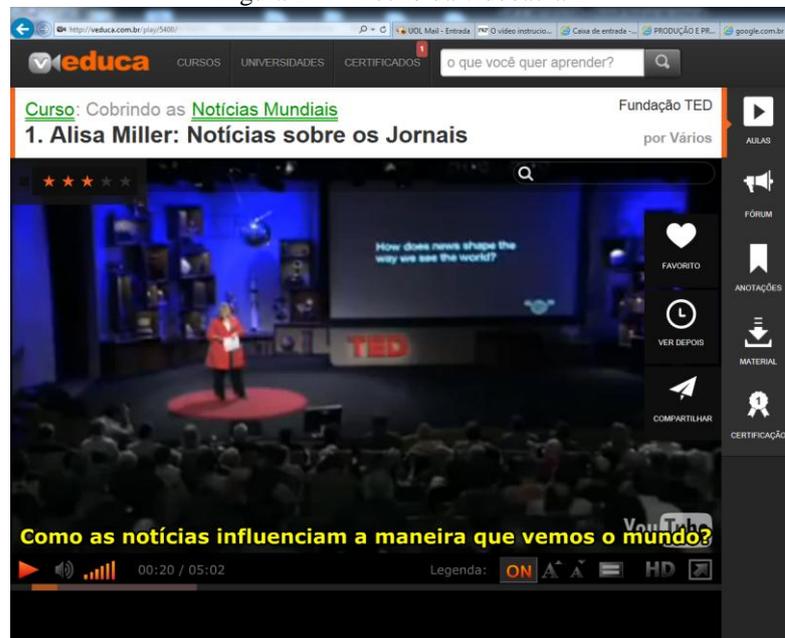
RESUMO DA ANÁLISE – Aula 1

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, vinheta, auditório, legenda, teletexto, teleaula, interativo, instrucional.

A videoaula seguinte do gênero **educativo** foi produzida pelo TED, uma organização educacional sem fins lucrativos, e traz em seu início uma **vinheta de abertura e encerramento**. A aula “Alisa Miller: Notícias sobre os Jornais”, do curso Cobrindo as Notícias Mundiais, tem duração de 05’02” e é ministrada em um amplo **auditório**.

Figura 22 – Trecho da videoaula 2



Fonte: Plataforma Veduca

No desenvolvimento do conteúdo, a professora utiliza *slides* em um telão exibidos à plateia de alunos, o que caracteriza o formato **teleaula**. A **legenda** no idioma português também é encontrada.

Quadro 06 – Dados da videoaula 2

Aula 2
 Provedor: Veduca
 Origem: TED
 Categoria: Comunicação & Jornalismo
 Curso: Cobrindo as Notícias Mundiais
 Aula: “Alisa Miller: Notícias sobre os Jornais”
 Acessos: não informado
 Duração: 05’02”
 Link: <http://veduca.com.br/play/5400>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 2

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, vinheta, auditório, legenda, teleaula.

A terceira videoaula do provedor Veduca é uma aula da Yale University, nos EUA, da categoria Engenharia. Intitulada “O que é Engenharia Biomédica?”, a aula tem formato **instrucional** com duração de 42’29”. A explanação do professor sobre o conteúdo é feita a uma plateia, não exibida ao longo do vídeo.

Figura 23 – Trecho da videoaula 3



Fonte: Plataforma Veduca

Pressupõe-se que a aula do gênero **educativo** esteja sendo ministrada em um **auditório**, no formato **teleaula**. Há **interação** com o público. O uso de **legenda** no idioma português também é encontrado.

Quadro 07 – Dados da videoaula 3

Aula 3

Provedor: Veduca

Origem: Yale University

Categoria: Engenharia

Curso: Fronteiras da Engenharia Biomédica

Aula: “O que é Engenharia Biomédica?”

Acessos: não informado

Duração: 42’29”

Link: <http://veduca.com.br/play/4945?q=o+que+%C3%A9+engenharia+biom%C3%A9dica>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 3

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, auditório, legenda, teleaula, interativo, instrucional.

A videoaula de número 4 do provedor Veduca é proveniente do Massachusetts Institute of Technology (MIT). É uma aula da categoria Matemática & Estatística, do curso Cálculo Multivariável. “Produto Escalar” é uma aula do gênero **educativo** com duração de 38’40”. Na abertura do vídeo, o formato **narração em off** é percebido. O professor está em sala de aula com plateia similar a um **auditório**.

Figura 24 – Trecho da videoaula 4



Fonte: Plataforma Veduca

O conteúdo da aula é traduzido para o idioma português por meio de **legenda**. Usando lousa e *slides*, o professor instrui o público a resolver um problema, caracterizando os formatos **instrucional** e **teleaula**. Ao longo da explicação, professor e alunos interagem através de perguntas e respostas.

Quadro 08 – Dados da videoaula 4

Aula 4
 Provedor: Veduca
 Origem: MIT
 Categoria: Matemática & Estatística
 Curso: Cálculo Multivariável
 Aula: “Produto Escalar”
 Acessos: Não informado
 Duração: 38’40”
 Link: <http://veduca.com.br/play/1043>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

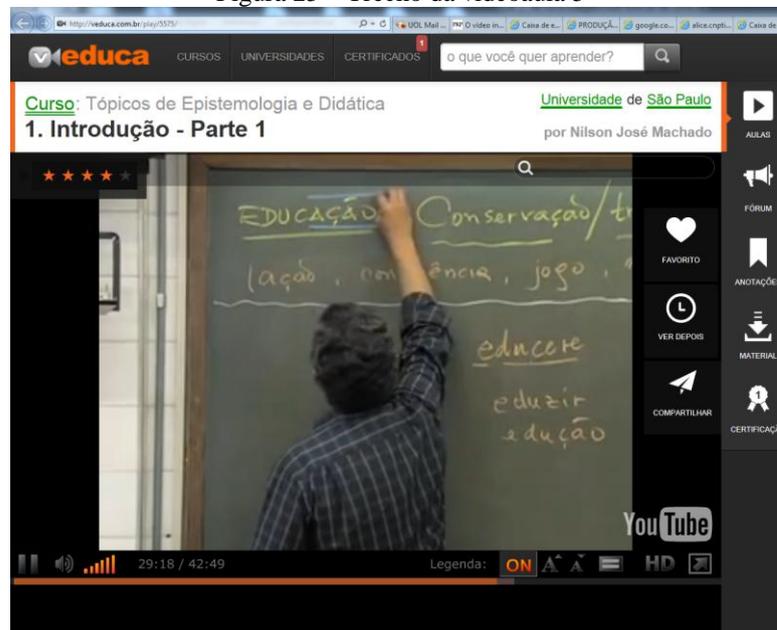
RESUMO DA ANÁLISE – Aula 4

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, narração em *off*, auditório, legenda, teleaula, interativo, instrucional.

A videoaula da Universidade de São Paulo (USP), do curso Tópicos de Epistemologia e Didática, da categoria Educação, traz o formato **vinheta de abertura** e **vinheta de encerramento**, além de **narração em off**. A aula “Introdução – Parte 1” tem duração de 42’49”.

Figura 25 – Trecho da videoaula 5



Fonte: Plataforma Veduca

Apresentada pelo professor Nilson José Machado em uma sala de aula, o vídeo do **gênero educativo** mostra o formato **auditório** e **teleaula**. A lousa é o recurso usado pelo professor para expor a matéria, observando dessa maneira, o **formato instrucional**.

Quadro 09 – Dados da videoaula 5

<p>Aula 5 Provedor: Veduca Origem: USP Categoria: Educação Curso: Tópicos de Epistemologia e Didática Aula: “Introdução – Parte 1” Acessos: Não informado Duração: 42’49” Link: http://veduca.com.br/play/5575</p>
--

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 5

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, narração em *off*, vinheta, auditório, teleaula, instrucional.

Segue a tabela com a compilação das ocorrências dos gêneros e formatos encontrados nas cinco videoaulas do provedor Veduca selecionadas para esta pesquisa:

Quadro 10 – Tabulação de gêneros e formatos televisivos encontrados nas videoaulas do Veduca

GÊNERO	FORMATO	Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Aula 5
EDUCATIVO						
	AUDITÓRIO					
	DUBLADO					
	ESTÚDIO					
	EXTERNA					
	GRAVADO					
	INSTRUCIONAL					
	INTERATIVO					
	LEGENDADO					
	NARRAÇÃO EM <i>OFF</i>					
	TELEAULA					
	TELETEXTO					
	VIDEOCLÍPE					
	VINHETA					

Fonte: Quadro elaborado pela autora

4.1.2 - Videoaulas da plataforma Khan Academy

O provedor Khan Academy trouxe na aula 6, de Matemática, dois formatos encontrados na mídia televisiva: o da **narração em off**, usado em toda a videoaula, e o do povo-fala, comumente usado em matérias jornalísticas. A videoaula “Khan responde: Thiago Silva – jogador da seleção brasileira de futebol” tem a duração de 12’10” e está **dublada** para o idioma português.

Figura 26 – Trecho da videoaula 6

The screenshot shows a YouTube video player with a black background. On the left, there is a sidebar with the user's name 'dominguez.clau@gmail.com' and various menu options like 'O que assistir', 'Minhas inscrições', 'Social', 'Histórico', and 'Assistir mais tarde'. Below this is a list of subscriptions including 'Manual do Mundo', 'YouTube Educação', 'Porta dos Fundos', 'YaleCourses', 'Senac Nacional', 'Me Salvat', 'deslocal', 'Senac São Paulo', and 'Rolê Gourmet'. The main video area displays a physics problem solution. It features a diagram of a ball's trajectory with various points and distances labeled. Handwritten calculations are shown in white and yellow text. The calculations include:

$$\sqrt{3.6^2 + 2.4^2} \approx 4.4 \text{ m}$$

$$\sqrt{11.9^2 + 2.4^2} \approx 11.85 \text{ m}$$

$$\sqrt{3.6^2 + 1^2} \approx 3.7 \text{ m}$$
 The velocity of the ball is given as $60 \text{ mph} = 26.82 \text{ m/s}$ and the velocity of the player is $15 \text{ mph} = 6.7 \text{ m/s}$. The time for the ball to reach a height of 11.85m is calculated as $\frac{11.85 \text{ m}}{26.82 \text{ m/s}} = 0.44 \text{ s}$. The time for the player to reach a height of 2.1m is calculated as $\frac{2.1 \text{ m}}{6.7 \text{ m/s}} = 0.31 \text{ s}$. Below the video player, the title 'Khan responde: Thiago Silva - jogador da seleção brasileira de fute...' is visible, along with the channel name 'Khan Academy em Português' and the number of subscribers '1.000 vídeos' and '15.469' likes.

Fonte: Plataforma YouTube

O vídeo do gênero **educativo** também utiliza ilustrações feitas em computação gráfica, o que caracteriza o formato **teleaula** e **instrucional**, com orientações ao aluno para a resolução de um problema.

Quadro 11 – Dados da videoaula 6

Aula 6
 Provedor: Khan Academy
 Categoria: Matemática
 Aula: “Khan responde: Thiago Silva – jogador da seleção brasileira de futebol”
 Acessos: 11.376
 Duração: 12’10”
 Link: <http://www.youtube.com/watch?v=0CjCVjCAFKI>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 6

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, narração em *off*, dublado, teleaula, instrucional.

A videoaula 7, também do provedor Khan Academy, traz uma aula de Biologia cujo nome é “Taxonomia e a árvore da vida”. A duração do vídeo do gênero **educativo** é de 12’48”.

Figura 27 – Trecho da videoaula 7

Fonte: Plataforma YouTube

Conta com o formato de **narração em off e dublado** e com explicação em computação gráfica, usando os formatos **teleaula e instrucional**.

Quadro 12 – Dados da videoaula 7

Aula 7
 Provedor: Khan Academy
 Categoria: Biologia
 Aula: “Taxonomia e a árvore da vida”
 Acessos: 6.366
 Duração: 12’48”
 Link: <http://www.youtube.com/watch?v=76obkqM8OWA#t=11>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

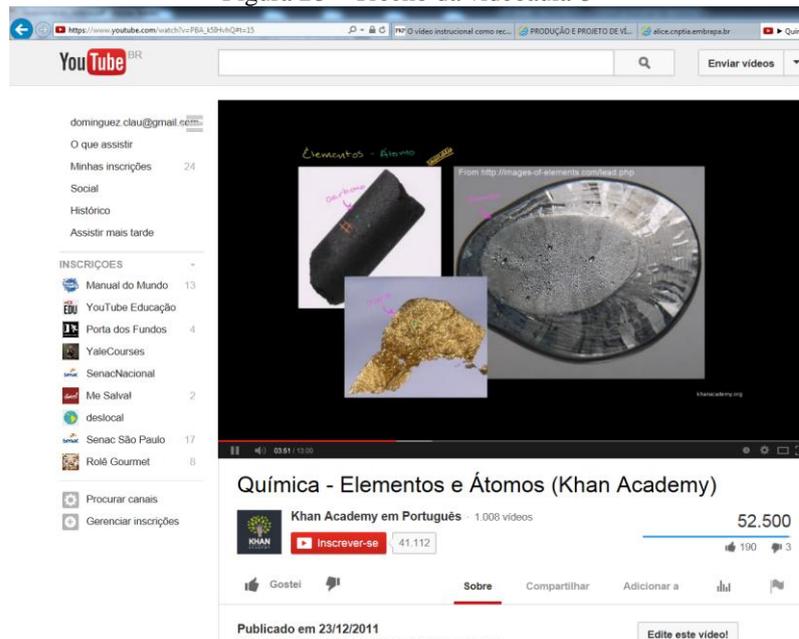
RESUMO DA ANÁLISE – Aula 7

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, narração em *off*, dublado, teleaula, instrucional.

A próxima videoaula selecionada do Khan Academy é da categoria Química, nomeada “Elementos e Átomos”.

Figura 28 – Trecho da videoaula 8



Fonte: Plataforma YouTube

Com duração de 13'00”, a aula do gênero **educativo** tem além do formato **narração em off, dublado**, os formatos **teleaula** e **instrucional** com o uso de fotos e tabela periódica para ilustrar o tema da aula.

Quadro 13 – Dados da videoaula 8

Aula 8
 Provedor: Khan Academy
 Categoria: Química
 Aula: “Elementos e Átomos”
 Acessos: 52.119
 Duração: 13'00”
 Link: http://www.youtube.com/watch?v=PBA_k5IHvhQ#t=15

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 8

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, narração em *off*, dublado, teleaula, instrucional.

O Khan Academy repete o formato das videoaulas anteriores na aula 9. Da categoria Física, intitulada “Primeira Lei de Newton”, a aula do gênero **educativo** tem duração de 09'32”.

Figura 29 – Trecho da videoaula 9



Fonte: Plataforma YouTube

O professor expõe o conteúdo utilizando o formato de **narração em off**, assim como o formato **instrucional** e **teleaula** também podem ser observados com os recursos de computação gráfica. A narração é **dublada** para o idioma português.

Quadro 14 – Dados da videoaula 9

<p>Aula 9 Provedor: Khan Academy Categoria: Física Aula: “Primeira Lei de Newton” Acessos: 48.671 Duração: 09’32” Link: http://www.youtube.com/watch?v=Raqnr6vraVE</p>
--

Fonte: Quadro elaborado pela autora

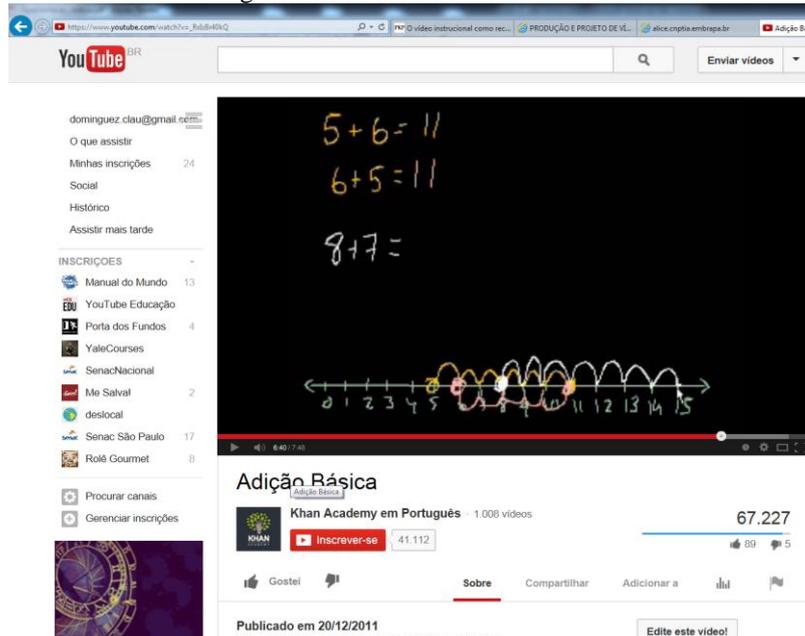
RESUMO DA ANÁLISE – Aula 9

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, narração em *off*, dublado, teleaula, instrucional.

A última aula selecionada do Khan Academy se enquadra na categoria Aritmética e Pré-álgebra e recebeu o nome de “Adição Básica”. A videoaula tem duração de 07’48”.

Figura 30 – Trecho da videoaula 10



Fonte: Plataforma YouTube

Enquadra-se no gênero **educativo**, mantendo o mesmo padrão das anteriores: computação gráfica para ilustrar o tema da aula, além dos formatos **instrucional**, **teleaula** e **dublado**. Também há ocorrência de **narração em off**.

Quadro 15 – Dados da videoaula 10

<p>Aula 10 Provedor: Khan Academy Origem: Categoria: Aritmética e Pré-álgebra Aula: “Adição Básica” Acessos: 66.364 Duração: 07’48” Link: http://www.youtube.com/watch?v=_RxIsBr40kQ</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 10

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, narração em *off*, dublado, teleaula, instrucional.

Segue abaixo a tabela com a compilação das ocorrências dos gêneros e formatos encontrados nas cinco videoaulas do provedor Khan Academy selecionadas para esta pesquisa:

Quadro 16 – Tabulação de gêneros e formatos televisivos encontrados nas videoaulas do Khan Academy

GÊNERO	FORMATO	Aula 6	Aula 7	Aula 8	Aula 9	Aula 10
EDUCATIVO						
	AUDITÓRIO					
	DUBLADO					
	ESTÚDIO					
	EXTERNA					
	GRAVADO					
	INSTRUCIONAL					
	INTERATIVO					
	LEGENDADO					
	NARRAÇÃO EM <i>OFF</i>					
	TELEAULA					
	TELETEXTO					
	VIDEOCLÍPE					
	VINHETA					

Fonte: Quadro elaborado pela autora

4.1.3 - Videoaulas da plataforma Coursera

A aula 11 selecionada do Coursera, o maior provedor de videoaulas do mundo, está disponível na categoria Arts. Trata-se de uma aula da University of Virginia, do curso Plagues, Witches and War: The Worlds of Historical Fiction e intitulada “*An overview of “Plagues, Witches and War”*”. Tem a duração de 12’59”.

Figura 31 – Trecho da videoaula 11



Fonte: Plataforma Coursera

No início da produção, realizada em ambiente externo, observa-se uma **vinheta de abertura**. A aula ministrada em inglês não possui legenda. *Slides* e fotos são usados para ilustrar o conteúdo de caráter **educativo** e **instrucional**.

Quadro 17 – Dados da videoaula 11

Aula 11

Provedor: Coursera

Origem: University of Virginia

Categoria: Arts

Curso: Plagues, Witches and War: The Worlds of Historical Fiction

Aula: “An overview of “Plagues, Witches and War”

Acessos: não informado

Duração: 12’59”

Link: <https://class.coursera.org/hisfiction-001/lecture/5>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 11

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, externa, vinheta, instrucional.

Já a aula 12, também do Coursera, foi produzida pela University Stanford. Encontra-se na categoria Engineering, no curso Startup Engineering. A duração é de 02’08”. Trata-se de uma videoaula do gênero **educativo** com o intuito de orientar os alunos acerca de um tema, caracterizando o formato **instrucional**.

Figura 32 – Trecho da videoaula 12

The screenshot shows a Coursera video player interface. The main content is a slide titled "Week 1: Course Logistics" with the following bullet points:

- Web
 - Primary Course Site (logged-in students) <https://class.coursera.org/startup-001>
 - Public signup page <http://coursera.org/course/startup>
 - Convenience site (mobile/logged-out/public) <http://startup.stanford.edu>
- Textbook & Help
 - All notes online; nothing to buy
 - To ask for help or report bugs, use the [discussion forums](#)
 - There are ~100,000 students, so email won't work!

The video player includes a sidebar on the left with navigation options like Home, Homework, Syllabus, and Video Lectures. A small video inset in the bottom right corner shows the instructor speaking. The video progress bar at the bottom indicates 01:48 / 02:08.

Fonte: Plataforma Coursera

Durante toda a aula o professor aparece minimamente, em um recurso de edição conhecido como *picture on picture*, ou seja, uma sobreposição de imagens com uma janela no canto inferior direito. O professor está em um ambiente fechado sem interação com alunos.

Quadro 18 – Dados da videoaula 12

Aula 12

Provedor: Coursera

Origem: University of Stanford

Categoria: Engineering

Curso: Startup Engineering

Aula: “Startup Engineering”

Acessos: não informado

Duração: 02’08”

Link: <https://class.coursera.org/startup-001/lecture/57>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

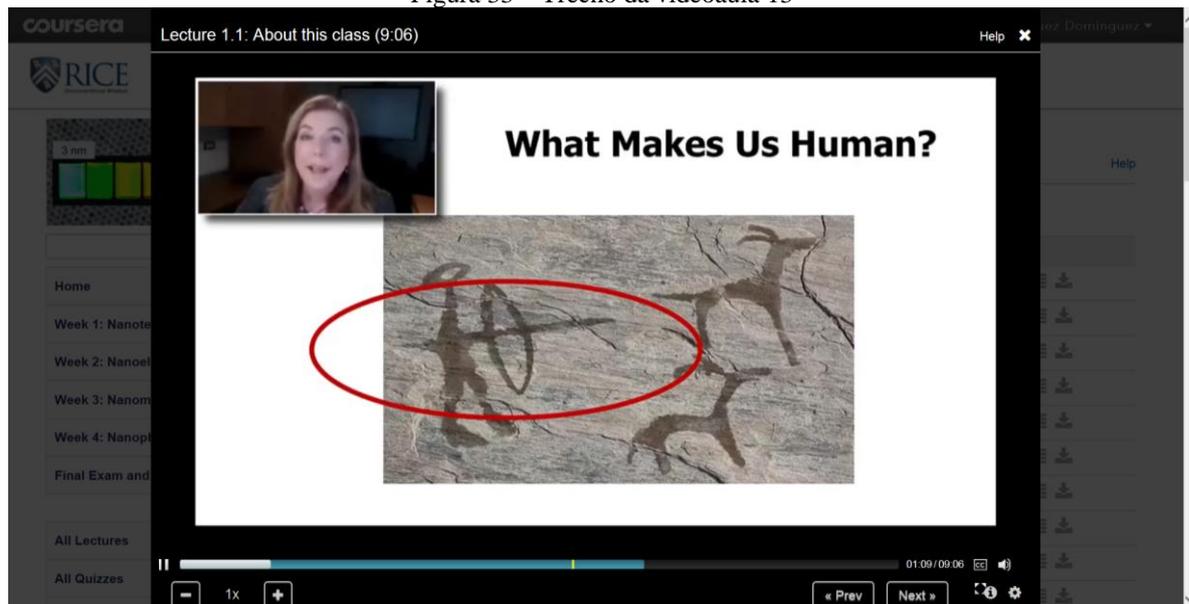
RESUMO DA ANÁLISE – Aula 12

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, instrucional.

Proveniente da Rice University, a videoaula 13 da categoria Chemistry mostra em sua aula “About this class”, do curso Nanotechnology: The Basics, uma **vinheta de abertura** com o formato **videoclipe**. A aula, do gênero **educativo** ministrada em inglês, não conta com legenda para outro idioma. Faz uso de *slides*, o que a torna de caráter **instrucional**.

Figura 33 – Trecho da videoaula 13



Fonte: Plataforma Coursera

A professora aparece na maior parte do tempo no canto superior esquerdo graças ao recurso *picture on picture*.

Quadro 19 – Dados da videoaula 13

<p>Aula 13 Provedor: Coursera Origem: Rice University Categoria: Chemistry Curso: Nanotechnology: The Basics Aula: “About this class” Acessos: não informado Duração: 09’06” Link: https://class.coursera.org/nanotech-001/lecture/3</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 13

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, vinheta de abertura, videoclipe, instrucional.

A videoaula 14, do Coursera, compõe a lista de aulas oferecidas pela University of Pennsylvania. Está alocada na categoria Business & Management, nomeada “An Introduction to Marketing” e tem a duração de 15’10”.

Figura 34 – Trecho da videoaula 14



Fonte: Plataforma Coursera

A aula do gênero **educativo** possui em sua abertura uma **vinheta**. Em seguida, a professora, que está em estúdio com fundo *chroma key*²⁸, dá início à aula do gênero **educativo** com uso de *slides* em movimento. Imagens de um supermercado são usadas para ilustrar o conteúdo. De formato **instrucional**, a videoaula ministrada em inglês não oferece legenda.

Quadro 20 – Dados da videoaula 14

Aula 14

Provedor: Coursera

Origem: University of Pennsylvania

Categoria: Business & Management

Curso: An Introduction to Marketing

Aula: “*Marketing 101: Building Strong Brands – Part 1*”

Acessos: não informado

Duração: 15’10”

Link: <https://class.coursera.org/marketing-001/lecture/9>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 14

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, estúdio, vinheta, instrucional.

A aula 15, também disponibilizada pelo Coursera, foi produzida pela University of Washington e tem a duração de 05’15”. Intitulada de “*CISO: Kirk Bailey and Ernie Hayden, Part 1 – Three Areas*”, a aula da categoria System & Security, do curso “*Information Security and Risk Management in Context*”, não possui legenda.

Figura 35 – Trecho da abertura da videoaula 15



Fonte: Plataforma Coursera

²⁸ *Chroma key* é o efeito técnico que permite a inserção de imagens “atrás” do apresentador. Para obtê-lo é usado, ao fundo, um cenário azul ou verde.

A abertura foi realizada pela diretora do curso e, em seguida, um professor (fig. 36) ministra o conteúdo. Do gênero **educativo**, o ambiente é uma sala de aula, porém mesmo sabendo que há uma plateia de alunos, não é possível vê-la no vídeo. Os recursos de *slides* em formato **instrucional**, além de **teletexto** também são observados na videoaula.

Figura 36 – Trecho da videoaula 15



Fonte: Plataforma Coursera

Quadro 21 – Dados da videoaula 15

Aula 15

Provedor: Coursera

Origem: University of Washington

Categoria: System & Security

Curso: Information Security and Risk Management in Context

Aula: “*CISO: Kirk Bailey and Ernie Hayden, Part 1 – Three Areas*”

Acessos: não informado

Duração: 05’15”

Link: <https://class.coursera.org/inforiskman-005/lecture/5>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 15

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, teleaula, instrucional, teletexto.

Segue a tabela com a compilação das ocorrências dos gêneros e formatos encontrados nas cinco videoaulas do provedor Coursera selecionadas para esta pesquisa.

Quadro 22 – Tabulação de gêneros e formatos televisivos encontrados nas videoaulas do Coursera

GÊNERO	FORMATO	Aula 11	Aula 12	Aula 13	Aula 14	Aula 15
EDUCATIVO						
	AUDITÓRIO					
	DUBLADO					
	ESTÚDIO					
	EXTERNA					
	GRAVADO					
	INSTRUCIONAL					
	INTERATIVO					
	LEGENDADO					
	NARRAÇÃO EM <i>OFF</i>					
	TELEAULA					
	TELETEXTO					
	VIDEOCLÍPE					
	VINHETA					

Fonte: Quadro elaborado pela autora

4.1.4 - Videoaulas da plataforma YouTube Edu

As cinco videoaulas mais vistas no Youtube Edu também foram escolhidas para esta pesquisa. São aulas ministradas pelo professor Iberê Thenório.

A videoaula 16, denominada “Congele água em 1 seg – o segredo”, tem duração de 05’24”. Gravada em português, a produção oferece ao aluno o formato **legendado** em inglês.

Figura 37 – Trecho da videoaula 16



Fonte: Plataforma YouTube Edu

Ambientada em um pequeno espaço de uma casa, a aula do gênero **educativo** traz recursos como o **teletexto**. Ensina passo a passo a realização da experiência, caracterizando o formato **instrucional**.

Quadro 23 – Dados da videoaula 16

Aula 16

Provedor: YouTube Edu

Origem: Manual do Mundo

Aula: “Congele água em 1 seg – o segredo”

Acessos: 5.337.011

Duração: 05’24”

Link: http://www.youtube.com/watch?v=MKwlNj8cIZw&feature=c4-overview-vl&list=PLf3WdQPlwNt7rrJ7REQYVNnbsZLr4W_jc

Fonte: Quadro elaborado pela autora

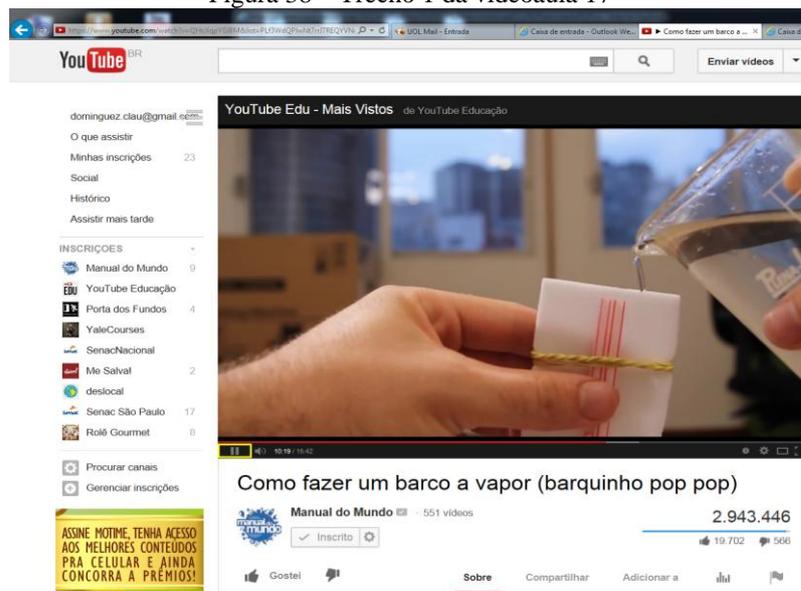
RESUMO DA ANÁLISE – Aula 16

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, legendado, teletexto, instrucional.

Na abertura da videoaula 17, há apresentação de um **videoclipe**, com **narração em off**, sobre a experiência. O professor encontra-se em um ambiente interno, uma espécie de sala de ferramentas. Ele mostra o material necessário para a aula do gênero **educativo** e como ele deve ser preparado para a realização da experiência, **instruindo** o aluno a montar o barco a vapor.

Figura 38 – Trecho 1 da videoaula 17



Fonte: Plataforma YouTube Edu

Nesta videoaula, em português, não há recurso de legenda. Ao final, a produção do vídeo, de 15'42", optou por uma **vinheta de encerramento**.

Figura 39 – Trecho 2 da videoaula 17



Fonte: Portal YouTube Edu

Quadro 24 – Dados da videoaula 17

Aula 17

Provedor: YouTube Edu

Origem: Manual do Mundo

Aula: “Como fazer um barco a vapor (barquinho pop pop)”

Acessos: 2.907.672

Duração: 15'42”

Link:

http://www.youtube.com/watch?v=QHcXqpYgJ8M&list=PLf3WdQPlwNt7rrJ7REQYVNnb sZLr4W_jc

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 17

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, videoclipe, narração em *off*, instrucional, vinheta.

A videoaula 18, realizada em uma cozinha, mostra em seu início um **videoclipe** de como será a experiência. A aula com duração de 04'18” enquadra-se no gênero **educativo**. O professor explica em detalhes a experiência, caracterizando o formato **instrucional**. Ao final, observa-se a ocorrência do formato **vinheta de encerramento**.

Figura 40 – Trecho da videoaula 18



Fonte: Plataforma YouTube Edu

Quadro 25 – Dados da videoaula 18

Aula 18

Provedor: YouTube Edu

Origem: Manual do Mundo

Aula: “Ovo na garrafa (experiência de física fácil)”

Acessos: 2.338.872

Duração: 04’18”

Link:

http://www.youtube.com/watch?v=v0TCHKHcB8k&list=PLf3WdQP1wNt7rrJ7REQYVNnbsZLr4W_jc

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 18

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, videoclipe, instrucional, vinheta.

Já na abertura da aula 19, do gênero **educativo**, o professor mostra ingredientes e materiais necessários para a experiência. A videoaula se desenrola em uma cozinha com o professor mostrando o andamento do experimento, no formato **instrucional**.

Figura 41 – Trecho da videoaula 19



Fonte: Plataforma YouTube Edu

Ao longo do vídeo, explica os conceitos que estão por trás da experiência. Ao final utiliza o formato **vinheta**, além do **teletexto** para divulgar o site onde o aluno pode encontrar mais vídeos.

Quadro 26 – Dados da videoaula 19

<p>Aula 19 Provedor: YouTube Edu Origem: Manual do Mundo Aula: “Como furar o coco com uma bala 7 Belo” Acessos: 1.815.049 Duração: 04’03” Link: http://www.youtube.com/watch?v=0DJBY7BnEaM&list=PLf3WdQPlwNt7rrJ7REQYVNnbsZLr4W_jc</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 19

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, instrucional, vinheta, teletexto.

A última aula a ser analisada, “O líquido que quer ser sólido”, está entre as cinco mais vistas no YouTube Edu. Com o tempo de 04’18”, a videoaula se desenvolve em um ambiente de cozinha e tem em sua abertura o formato **teletexto** como o nome da aula. O professor mostra o que está por trás dessa experiência científica ensinando como produzir o líquido.

Figura 42 – Trecho da videoaula 20



Fonte: Plataforma YouTube Edu

Enumera passo a passo o procedimento, evidenciado o formato **instrucional**. E, ao final, usa a **vinheta** para encerrar a videoaula.

Quadro 27 – Dados da videoaula 20

<p>Aula 20 Provedor: YouTube Edu Origem: Manual do Mundo Aula: “O líquido que quer ser sólido” Acessos: 1.623.159 Duração: 04’18” Link: http://www.youtube.com/watch?v=ZCGwatTa8r8&list=PLf3WdQPlwNt7rrJ7REQYVNnbsZLr4W_jc</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora

RESUMO DA ANÁLISE – Aula 20

Ocorrência de gêneros televisivos: educativo.

Ocorrência de formatos televisivos: gravado, teletexto, instrucional.

Segue a tabela com a compilação das ocorrências dos gêneros e formatos encontrados nas cinco videoaulas do provedor YouTube Edu selecionadas para esta pesquisa:

Quadro 28 – Tabulação de gêneros e formatos televisivos encontrado nas videoaulas do YouTube Edu

GÊNERO	FORMATO	Aula 16	Aula 17	Aula 18	Aula 19	Aula 20
EDUCATIVO						
	AUDITÓRIO					
	DUBLADO					
	ESTÚDIO					
	EXTERNA					
	GRAVADO					
	INSTRUCIONAL					
	INTERATIVO					
	LEGENDADO					
	NARRAÇÃO EM <i>OFF</i>					
	TELEAULA					
	TELETEXTO					
	VIDEOCLÍPE					
	VINHETA					

Fonte: Quadro elaborado pela autora

4.2 - Resultados

Considerando a tabela de classificação de gêneros e formatos dos programas da TV brasileira proposta por Souza (2004) e a análise das 20 videoaulas do *corpus* desta pesquisa, pôde-se perceber que todas são do gênero educativo por apresentar informação e conhecimento de caráter instrutivo.

Dentre os formatos de programas da televisão brasileira encontrados com maior frequência na amostra de videoaulas, estão, em ordem decrescente de ocorrência:

Formato Instrucional

O formato instrucional foi encontrado em 19 videoaulas desta pesquisa, ou seja, em 95% dos objetos de análise. Segundo Aronchi de Souza (2004, p. 173), o formato instrucional “orienta o telespectador a realizar alguma tarefa ou atividade profissional. Instrui a audiência a resolver problemas do cotidiano ou de funções especializadas”. As aulas que fizeram uso do formato instrucional foram: “Organização do Corpo”, “O que é Engenharia Biomédica?”, “Produto Escalar”, “Introdução – Parte 1”, “Khan responde: Thiago Silva – jogador da seleção brasileira de futebol”, “Taxonomia e árvore da vida”, “Elementos e Átomos”, “Primeira Lei de Newton”, “Adição Básica”, “An overview of ‘Plagues, Witches and War’”, “What is a Startup Engineering”, “About the class”, “Marketing 101: Building Strong Brands – Part 1”, “CISO: Kirk Bailey and Ernie Hayden, Part 1 – Three Areas”, “Congele água em 1 seg – o segredo”, “Como fazer um barco a vapor (barquinho pop pop)”, “Ovo na garrafa

(experiência de física fácil)”, “Como furar o coco com uma bala 7 Belo” e “O líquido que quer ser sólido”.

Formato Teleaula

Já o formato teleaula esteve presente em 11 videoaulas da pesquisa, representando 55% da amostra. Souza (2004, p. 175) define teleaula como “formato de baixo custo na categoria educação e no gênero educativo, pode ter por cenário apenas uma sala de aula comum ou, em produções mais criativas, um ambiente com telão e a inserção de gráficos no vídeo”. São os vídeos com formato teleaula: “Organização do Corpo”, “Alisa Miller: Notícias sobre os Jornais”, “O que é Engenharia Biomédica?”, “Produto Escalar”, “Introdução – Parte 1”, “Khan responde: Thiago Silva – jogador da seleção brasileira de futebol”, “Taxonomia e árvore da vida”, “Elementos e Átomos”, “Primeira Lei de Newton”, “Adição Básica”, “CISO: Kirk Bailey and Ernie Hayden, Part 1 – Three Areas”.

Formato Narração em *off*

A narração em *off* foi utilizada como formato em oito aulas desta amostra, representando 40% das videoaulas. De acordo com Souza (2004, p. 174), o formato narração em *off* é “usado em documentários e reportagens. É uma alternativa ao formato legendado. Há exemplos de teledramaturgia que utilizam a narração de trechos da trama em *off*”.

As videoaulas nas quais foram encontradas narração em *off* são: “Produto Escalar”, “Introdução – Parte 1”, “Khan responde: Thiago Silva – jogador da seleção brasileira de futebol”, “Taxonomia e árvore da vida”, “Elementos e Átomos”, “Primeira Lei de Newton”, “Adição Básica” e “Aritmética e Pré-álgebra”.

Formato Vinheta

O formato vinheta esteve presente em oito ocorrências da amostra, ou seja, em 40% das videoaulas selecionadas para esta pesquisa. A vinheta é um formato “classificado em vinheta de abertura de programa, vinheta de passagem, vinheta de próxima atração e vinheta de comerciais. Programas de todos os gêneros utilizam o formato vinheta na abertura ou em meio à transmissão”. (SOUZA, 2004, p. 176).

As videoaulas que usaram esse recurso foram: “Organização do Corpo”, “Alisa Miller: Notícias sobre os Jornais”, “Introdução – Parte 1”, “An overview of ‘Plagues, Witches and War’”, “About the class”, “Marketing 101: Building Strong Brands – Part 1”, “Como fazer um barco a vapor (barquinho pop pop)” e “Como furar o coco com uma bala 7 Belo”.

Formato Auditório

O formato auditório foi observado em cinco ocorrências, totalizando 25% da amostra. Segundo Souza (2004, p. 170), “os programas com esse formato fazem do público uma parte da gravação, mas não o essencial. [...] o formato auditório aparece somente em segundo plano. [...] certos programas de variedades incluem o auditório para compor o cenário e interagir com o apresentador”.

As videoaulas que fizeram uso de plateia de alunos foram as seguintes: “Organização do Corpo”, “Alisa Miller: Notícias sobre os Jornais”, “O que é Engenharia Biomédica?”, “Produto Escalar” e “Introdução – Parte 1”.

Formato Legendado

Na amostra de 20 videoaulas, cinco delas, ou seja, 25%, utilizaram o formato legendado, definido por Souza (2004, p. 173) como o “formato usado em programas e filmes em língua estrangeira. Com um gerador de caracteres, as legendas costumam ser inseridas em filmes e documentários para traduzir os diálogos ou a narração, deixando inalterado o áudio – vozes e trilha sonora”.

Seguem as videoaulas da pesquisa que fizeram uso do formato legendado: “Organização do Corpo”, “Alisa Miller: Notícias sobre os Jornais”, “O que é Engenharia Biomédica?”, “Produto Escalar” e “Congele água em 1 seg – o segredo”.

Formato Dublado

A dublagem foi usada em cinco produções de videoaulas, representando 25% da totalidade da amostra. O formato dublado é uma alternativa ao formato legendado. Segundo Souza (2004, p. 172), “a dublagem é uma atividade especializada de leitura interpretada e sincronizada das falas de programas estrangeiros traduzidas para o português, substituindo-as. Séries, filmes e desenhos são alguns dos gêneros que usam o formato”.

As videoaulas dubladas foram as seguintes: “Khan responde: Thiago Silva – jogador da seleção brasileira de futebol”, “Taxonomia e árvore da vida”, “Elementos e Átomos”, “Primeira Lei de Newton” e “Adição Básica”.

Formato Teletexto

Outro recurso adotado em cinco videoaulas, 25% da pesquisa, foi o teletexto. Souza (2004, p. 176) define o formato como sendo “informações inseridas no vídeo pelos canais de notícias. É utilizado também quando a programação está fora do ar e a emissora divulga sua programação ou notícias pelo gerador de caracteres, que faz os chamados ‘letreiros’”.

Seguem as videoaulas nesse formato: “Organização do Corpo”, “CISO: Kirk Bailey and Ernie Hayden, Part 1 – Three Areas”, “Congele água em 1 seg – o segredo”, “Como furar o coco com uma bala 7 Belo” e “O líquido que quer ser sólido”.

Formato Interativo

Já o formato interativo contou com três ocorrências dentre as videoaulas selecionadas, aparecendo em 15% do *corpus* da pesquisa. Segundo Souza (2004, p. 173), o formato interativo pode ser notado quando “a audiência é estimulada a participar por carta, fax, telefone e internet. O formato interativo é utilizado principalmente por programas que também aplicam o formato ao vivo”.

O formato foi encontrado em “Organização do Corpo”, “O que é Engenharia Biomédica?” e “Produto Escalar”.

Formato Videoclipe

O uso de videoclipe foi observado em três videoaulas, perfazendo 15% da amostra. De acordo com Souza, o videoclipe

feito inicialmente para o gênero musical, tornou-se um formato de apoio a várias produções. [...] os esportivos montam videocliques com esportes radicais e cenas das competições. O gênero telejornal passa os créditos de encerramento por sobre as imagens do principal assunto do dia. O formato também é uma oportunidade para mostrar a criatividade da produção e a qualidade da edição em vários gêneros. (2004, p. 176)

Na amostra da pesquisa, encontrou-se o formato nas videoaulas: “About the class”, “Como fazer um barco a vapor (barquinho pop pop)” e “Ovo na garrafa (experiência de física fácil)”.

Formato Estúdio

Com apenas uma ocorrência do formato estúdio, 5% da amostra, a videoaula gravada é a “Marketing 101: Building Strong Brands – Part 1”.

Formato Externa

Também com uma ocorrência do formato externa está a videoaula “An overview of ‘Plagues, Witches and War’”, representando 5% da amostra.

4.3 - Discussão de resultados

Muito se discute sobre a substituição – parcial ou total – das tradicionais aulas pelas novas possibilidades tecnológicas em EaD, mudança em que materiais didáticos, como as videoaulas, tem provocado discussões em nível técnico e pedagógico.

Em termos de produção de videoaulas, há uma tendência das instituições de ensino em reproduzir o modelo tradicional de aula expositiva no ambiente audiovisual. Essa tendência pode justificar-se pela dificuldade de transição enfrentada por professores.

Gerbase ressalta que

os professores em EAD estão enfrentando, com grande dificuldade, um processo de migração de uma linguagem bem conhecida – a da sala de aula presencial – para uma outra linguagem, de que sempre foram espectadores, e não protagonistas – a audiovisual. O professor saiu do quadro-negro, mas agora está enquadrado. Só que ele não sabe disso. E, se sabe, age como se não soubesse. (GERBASE, 2006, p. 02)

A produção de videoaulas em EaD é oferecida basicamente em dois modelos: o presencial – no qual o aluno vai presencialmente uma ou várias vezes por semana a uma sala com a supervisão de um tutor – ou via *web*, CD ou DVDs – nos quais o aluno assiste às videoaulas em casa ou no trabalho.

Moran (2008) reflete sobre a referência audiovisual incorporada no desenvolvimento cognitivo de jovens e adultos em que os meios de comunicação audiovisuais desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante.

A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos – levam a para sala de aula. Como a TV o faz de forma mais desprestigiada e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais abstrato, complexo e na contramão da maioria como a escola se propõe a fazer. (MORAN, 2008, p. 1)

Segundo Cardoso (2013, p. 78), a linguagem audiovisual estimularia mais a percepção global do que o pensamento de tipo lógico e analítico, característico da cultura acadêmica científica da sociedade das letras. Para ele, esse fato seria uma das explicações da resistência enfrentada de se incorporar o uso do audiovisual nas escolas como veículo de conhecimento.

O estereótipo de que o uso de vídeos no processo ensino-aprendizagem está relacionado ao entretenimento também é observado por Moran (1995, p. 27) ao referir-se que o “vídeo está ligado à televisão e a um contexto de lazer e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula”.

A proposta de videoaulas pode ajudar o aluno a romper a barreira do abstrato levando-o ao contato com o real e a uma aprendizagem mais rica e significativa. E nesse caminho está o professor tradicional que se vê obrigado a lidar com um novo ambiente, o audiovisual.

Um dos problemas principais no trabalho conjunto entre o pessoal acadêmico e os técnicos em mídia é que os palestrantes estão acostumados à apresentação linear de um assunto e não a pensar em termo de imagens. Frequentemente, ocorre-lhes a ideia de escrever algo como uma palestra curta e esperar que o técnico em mídia ilustre o texto com imagem. O resultado é um “show de slides” um tanto monótono. (LAASER, 1996, p. 03)

A adaptação do conteúdo educacional – formatado para o meio de sala de aula tradicional – deve passar, então, pela adequação desse conteúdo à nova linguagem audiovisual. O que significa conhecer e identificar os recursos do meio para a construção de um modelo comunicacional-pedagógico eficiente e funcional.

[...] a equipe do curso deve começar com eventos visuais e didáticos, formando uma sequência didática relevante (motivação, apresentação de um problema, visões acadêmicas diferentes, áreas de aplicação) e como ela deve ser visualizada (apresentação gráfica, animação, explicação do palestrante ou apresentador, entrevista, discussão em grupo, ilustração com cenas da vida real). (LAASER, 1996, p. 02)

Segundo Moran (2002), os meios de comunicação, principalmente a televisão, desenvolvem formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens, que facilitam a interação com o público. A TV fala primeiro do “sentimento” – o que você sentiu, não o que você conheceu; as ideias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva.

Cardoso resalta a eficácia das imagens no processamento da informação.

Os estudos no campo da neurociência apontam que a metade do cérebro humano estaria comprometida com o processamento de imagens. Imagens têm acesso direto à memória de longo prazo, e cada imagem é armazenada com sua própria informação como um coerente bloco ou conceito, de forma que processamos a informação visual 60 mil vezes mais rápido do que o texto. (CARDOSO, 2013, p. 81)

Laaser (1996) indica parâmetros na criação de vídeos instrucionais que podem facilitar ou agregar valor ao aprendizado do aluno. São eles: a existência de um conteúdo relevante para o grupo-alvo, a adequação do estilo e a densidade da informação, a apresentação do assunto em sequências lógicas, a relação com os outros cursos já existentes, a oferta de uma motivação inicial, apresentação eficiente do problema e o apoio ao aprendizado com recursos estruturais.

O autor ainda faz referência à produção de vídeos de caráter instrucional utilizando-se um apresentador ou um professor; ou por meio de uma entrevista com duas pessoas, que com perguntas e respostas, discorrem sobre um determinado tema; ou mesmo por meio de discussões em grupo em que o tema a ser ensinado é debatido por alguns participantes; por fim, a apresentação do conteúdo instrucional por meio de representações gráficas narradas.

Todas essas sugestões são formatos televisivos recorrentes da programação da televisão brasileira conforme exposto anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou mostrar a multiplicidade de programas televisivos desenvolvidos ao longo dos mais de 60 anos de história da Televisão no Brasil e de que maneira os principais gêneros e formatos da produção audiovisual televisiva foram verificados na amostra de videoaulas desta pesquisa.

O hibridismo de formatos de programas da televisão brasileira foi discutido por Marques de Melo (2010), Mattos (2000), Chambat-Houillon (2007) e Fachine (2001) com o intuito de mostrar a complexidade da formatação de produtos televisivos.

Aronchi de Souza (2004) trouxe critérios de classificação dos programas da televisão brasileira que serviram de base para a realização desta pesquisa.

O foco do trabalho foi identificar e analisar, à luz do referido autor, os gêneros e formatos televisivos na produção de videoaulas para EaD. E verificar, ainda, se havia predominância de gêneros e formatos televisivos nas videoaulas do *corpus* da pesquisa, no caso, 20 videoaulas provenientes dos portais Coursera, Veduca, Khan Academy e YouTube Edu. Por último, a proposta da pesquisa foi identificar possíveis formatos usados na produção destas videoaulas que seriam reconhecidamente de origem televisiva. Também foi objetivo da pesquisa sugerir recursos de formatos televisivos para a produção em EaD.

A análise das videoaulas permitiu reconhecer, a partir da tabela estabelecida por Aronchi de Souza (2004), a predominância do gênero televisivo educativo e de 13 formatos reconhecidamente produzidos em televisão.

O formato instrucional foi encontrado em 19 videoaulas do *corpus*, portanto, em 95% dos objetos da análise. Esperava-se observar este formato já que a ideia deste é orientar o telespectador a realizar alguma tarefa ou atividade profissional, além de instruir a audiência a resolver problemas cotidianos. (ARONCHI DE SOUZA, p. 173)

Em seguida, o formato teleaula esteve presente em 11 videoaulas da pesquisa, representando 55% da amostra. Este formato é considerado de baixo custo e permite a execução do conteúdo tendo como cenário apenas uma sala de aula comum ou, em produções mais criativas, um ambiente com telão e a inserção de gráficos no vídeo. (ARONCHI DE SOUZA, p. 175)

Com incidência de oito videoaulas, os formatos narração em *off* e vinheta também foram observados em 40% das videoaulas. O primeiro formato é usado em documentários e reportagens quando o locutor lê um texto sem aparecer na tela. É uma alternativa ao formato

legendado. Já o segundo formato, a vinheta, marca a abertura, intervalo e encerramento de um programa, sendo observada na maior parte das ocorrências na abertura das videoaulas.

Um formato bastante conhecido da televisão foi encontrado em apenas cinco videoaulas. Trata-se do formato auditório. Nas ocorrências da pesquisa, esse formato exibiu o público de alunos com parte da gravação.

Também em cinco videoaulas observou-se o formato legendado como recurso para a tradução de um material em outro idioma. E no mesmo total de aulas, foi encontrado o formato dublado, recurso usado para interpretar uma fala estrangeira.

Assim como o formato auditório, legendado e dublado, o formato teletexto esteve presente em 25% das videoaulas com a inserção no vídeo de informações complementares à fala dos professores.

Com menor incidência, os formatos interativo (15%), videoclípe (15%), estúdio (5%) e externa (5%) foram observados nas videoaulas que compõem o *corpus* de análise.

Apesar de a tabela de classificação de gêneros e formatos de programas da televisão brasileira proposta por Aronchi de Souza (2004) apresentar mais de 30 gêneros e 30 formatos já testados, a quantidade de formatos encontrados foi residual. Uma ampliação desses recursos para a produção de videoaulas será sugerida logo a seguir.

Não é foco desta dissertação debater a proposta pedagógica das instituições de ensino nem o conteúdo de aula planejado pelo professor conteudista em Educação a Distância. A ideia do trabalho é sugerir recursos para que o conteúdo dessa aula possa estar coerente com o ambiente audiovisual, adequando o roteiro educacional para a linguagem audiovisual. Diferentemente do cinema, cuja essência está na ficção, a televisão tem como base o universo da realidade. Dessa forma, entendemos que a televisão como veículo audiovisual com maior proximidade da vida real pode, a partir do *know-how* adquirido por décadas, subsidiar de ferramentas as videoaulas em EaD.

A apropriação de gêneros e formatos televisivos é sugerida como elemento de inovação ao cruzar as áreas de Comunicação e Educação, mais especificamente na produção de videoaulas para Educação a Distância.

A revisão da literatura pertinente à pesquisa confirmou os poucos estudos a respeito da produção de videoaulas em EaD com a apropriação de elementos, recursos e linguagem televisiva.

Uma sugestão para o desenvolvimento de roteiros baseados em formatos televisivos pode ser avaliada a partir da proposta a seguir.

1 - Formato debate, entrevista, mesa-redonda

Esses formatos podem ser usados para aulas teóricas que exigem discussão, multiplicidade de opiniões, análise e reflexão sobre um assunto. Como exemplo, tomamos uma aula de Relações Internacionais em que o professor apresenta diferentes visões sobre a temática específica estimulando o aluno, por meio de diferentes explicações, a construir um raciocínio sobre aquele tema em questão.

2 - Formato *talk show*

O formato *talk show* pode ser usado para dar leveza a um tema especializado e, por vezes, de pouco interesse, como, por exemplo, uma aula de Legislação para alunos das áreas de Ciências Biológicas. Com foco na descontração do apresentador (no caso, o professor), o aluno tem contato com o tema por meio de novas percepções estimuladas pelo professor e por seu convidado especialista no assunto.

3 - Formato esquete, dramatização

Estes formatos, frequentemente utilizados em programas de humor e de teledramaturgia, podem ser usados para atrair o aluno para um tema complexo. Por exemplo, uma aula de Filosofia em que para representar os diálogos de Platão é utilizada uma dramatização remetendo ao tempo e aos agentes da época para ilustrar de forma teatral um período da história.

4 - Formato *game show*

Os formatos *game show* e *quiz show* também podem incrementar a videoaula em EaD. Esse formato permite testar o conhecimento do aluno sobre um tema. Seja individualmente com perguntas e respostas, seja em grupo adversários, pode-se recorrer a esse formato para avaliar se o aluno reteve conhecimentos de caráter mais superficial. Pode ser combinado com o formato interativo.

A ideia de saber “mediatizar”, proposta por Belloni (2012) como uma das competências mais importantes e indispensáveis à concepção e realização de qualquer ação de EaD, considera o momento da preparação de aulas pelo professor um momento em que ele

está em contato com esse processo. A novidade está nos diferentes meios disponíveis ao professor, como o meio televisivo.

As sugestões descritas pretendem estimular professores e roteiristas a pensar e produzir videoaulas tendo como suporte a experiência da Televisão, consagrado meio popular de comunicação e de inesgotáveis possibilidades de criação.

Aos educadores e comunicólogos fica a proposta de transformação de conteúdos educacionais pela apropriação do meio televisivo.

REFERÊNCIAS

ABED - Associação Brasileira de Educação a Distância. **CENSO EAD.BR**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2012. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013. Disponível em <http://www.abed.org.br/censoead/censoEAD.BR_2012_pt.pdf>. Acesso em 18/01/2014.

ALVES, João Roberto Moreira. **A História da EaD no Brasil**. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Marcos (orgs.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education, 2009.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

AZEVEDO, Adriana Barroso de. Aprendizagem na EAD: contribuições e desafios. **Educação & Linguagem**. Programa de Pós-Graduação e Educação: Universidade Metodista de São Paulo. v.16, n.27.

_____, Adriana Barroso de. **A ação docente frente aos desafios tecnológicos**. In: Razón y Palabra. México, out. 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3ª edição. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRETO, Hugo. **Aprendizagem por televisão**. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Marcos (Orgs.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BEHAR, P. A. *et al.* Objetos de aprendizagem para educação a distância. In: Patrícia Alejandra Behar. (cols.). **Modelos Pedagógicos em Educação a Distância**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. v. 1, p. 66-92.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias, revisão técnica Paulo Vaz, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BORELLI, Silvia Helena Simões (org.). **Gêneros Ficcionalis – produção e cotidiano na cultura popular de massa**. São Paulo: Intercom, 1994.

CARDOSO, Carlos Adriano. O vídeo instrucional como recurso digital em educação a distância. In: **Revista Trilha Digital**, v. 1, n. 1. São Paulo: Editora Mackenzie, 2013. p. 78-89

CHAMBAT-HOUILLON, Marie-France. **O formato televisual: produção, programação e recepção**. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias (Orgs.). Porto Alegre: Sulina, 2007.

COURSERA. Portal disponível em <<https://www.coursera.org/>>. Acesso 01/01/2014.

CRUZ, Renato. **TV Digital no Brasil: tecnologia versus política**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

EdX. Portal disponível em <<https://www.edx.org/>>. Acesso 01/01/2014.

FECHINE, Yvana. **Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos**. Disponível em <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3195/3195.PDF>>. Acesso em 07/02/2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GERBASE, Carlos. Desafios na construção de uma estética audiovisual para educação a distância (EAD). In: **LOGOS 24: cinema, imagens e imaginário**. Ano 13, 1º semestre 2006

GOULART, E. E.; PERAZZO, P. F. Caminhos cruzados no mundo digital: a hipermídia e a memória. **Revista Comunicação & Inovação**, v.1, n.1, jul./dez. 2010.

INSTITUTO MONITOR. Dados retirados do site do Instituto Monitor. Disponível em <<http://www.institutomonitor.com.br/Quem-somos.aspx>>. Acesso em 10/01/2014.

LAASER, Wolfram. Produção e projeto de vídeo e TV instrucionais em educação a distância. **Revista Educação a Distância**, São Paulo, n. 7-8, 1996.

LUNA, Ewerton Ávila dos Anjos; LUNA, Maria José de Matos; RODRIGUES, Siane Góis Cavalcanti. Uma reflexão sobre a videoaula no contexto da EaD. Eutomia – **Revista Online de Literatura e Linguística**. Disponível em <<http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano4-Volume1/linguistica/LINGELUNA.pdf>>. Acesso em 06/01/2014.

MAIA, Carmen; MATTAR, João. **ABC da EaD**. São Paulo: Pearson, 2007.

MARQUES DE MELO, José. **Televisão Brasileira – 60 anos de ousadia, astúcia, reinvenção**. São Paulo: Cátedra Unesco/UMESP de Comunicação, 2010.

MATTAR, João. **Guia de Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning: Portal Educação, 2011.

_____. João. **Tutoria e Interação em Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

_____. João. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MATTOS, Sergio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. Salvador: Editora PAS-Edições Inamá, 2000.

MORAN, José Manuel Moran. **Contribuições para uma pedagogia da educação online**. In: SILVA, Marco (org.). São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. José Manuel. **A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá.** 2a. ed. Campinas: Papirus, 2007.

_____. José Manuel. **A internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade do aprender.** Entrevista ao Portal Educacional em 2011. Disponível em <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0025.asp>>. Acesso em 21/12/2013.

_____. José Manuel. **As mídias na educação.** Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/midias_educ.pdf>. Acesso em 09/01/2014.

_____. José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 2, n. 27- 35, jan./abr. 1995.

_____. José Manuel. **Vídeos são instrumentos de comunicação e de produção. Portal do professor.** Entrevista publicada no Portal do Professor do MEC em 06.03.2009. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/videos.pdf>. Acesso em 18/01/2014.

REDE VIDA. Programação televisiva disponível em <<http://www.redevida.com.br/>>. Acesso em 11/01/2014.

REIMÃO, Sandra. (coord.) **Em Instantes – Notas sobre a programação na TV Brasileira (1965-1995).** São Paulo: Faculdades Salesianas / Cabral Editora, 1997.

SCAVAZZA, Beatriz Leonel; SPRENGER, Angela. **A EaD na educação não formal de professores.** In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Marcos (orgs.). Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio. Portal Senac. Disponível em <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a7409.htm&testeira=453&template=&unit=ANY>>. Acesso em 10/01/2014.

SIEMENS, George. **Conectivismo: uma teoria de aprendizagem para a idade digital.** Disponível em <<http://usuarios.upf.br/~teixeira/livros/conectivismo%5Bsiemens%5D.pdf>>. Acesso em 07/0/2014.

SINGHAL, Arvind; ROGERS, Everett M.; BROWN, Willian J. **Entertainment Telenovelas for Development: Lessons Learned.** Disponível em <http://utminers.utep.edu/asinghal/book%20chapters/bc_singhal_rogers_brown_entertainment_telenovelas_for_development.pdf>. Acesso em 19/02/2014.

TEMER, Ana Carolina Pessoa Temes; TONDATO, Márcia Perencin. **A televisão em busca da interatividade: uma análise dos gêneros não ficcionais.** Brasília: Casa das Musas, 2009.

THE NEW YORK TIMES. Manchete da página online do jornal de setembro de 2012. Disponível em <http://www.nytimes.com/2012/11/04/education/edlife/massive-open-online-courses-are-multiplying-at-a-rapid-pace.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em 18/01/2014.

TV APARECIDA. Programação televisiva disponível em <<http://www.a12.com/tv-aparecida>>. Acesso em 11/01/2014.

TV BRASIL. Programação televisiva disponível em <<http://tvbrasil.ebc.com.br/>>. Consulta em 11/01/2014.

TV CULTURA. Programação televisiva disponível em <<http://tvcultura.cmais.com.br/>>. Acesso em 11/01/2014.

TV FUTURA. Programação televisiva disponível em <<http://www.futura.org.br/>>. Acesso em 11/01/2014.

UAB – Universidade Aberta do Brasil. Informações em <http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6&Itemid=18>. Acesso em 07/01/2014.

UDACITY. Portal disponível em <<https://www.udacity.com/>>. Acesso 01/01/2014.

UNIREDE. Mais informações em <http://www.aunirede.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=43&Itemid=27>. Acesso em 07/01/2014.

WATTS, Harris. **On camera** – o curso de produção de filme e vídeo na BBC. São Paulo: Summus, 1990.